

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**A FORMAÇÃO E O FORTALECIMENTO DE VÍNCULO EMOCIONAL  
ENTRE OS ADOLESCENTES PARTICIPANTES DE OFICINAS:  
PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA**

UMA INVESTIGAÇÃO A PARTIR DO PROJETO FRUTOS DO MORRO

Adriana Braga Chaves

Belo Horizonte  
2010

Adriana Braga Chaves

**A FORMAÇÃO E O FORTALECIMENTO DE VÍNCULO EMOCIONAL  
ENTRE OS ADOLESCENTES PARTICIPANTES DE OFICINAS:  
PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA**

UMA INVESTIGAÇÃO A PARTIR DO PROJETO FRUTOS DO MORRO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde: Área de Concentração em Saúde da Criança e do Adolescente, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para obtenção de título de Mestre em Saúde da Criança e do Adolescente.

Orientadora: Profa. Elza Machado de Melo  
Co-orientador: Prof. Roberto Assis Ferreira

Belo Horizonte  
2010



FACULDADE DE MEDICINA  
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Av. Prof. Alfredo Balena 190 / sala 533  
Belo Horizonte - MG - CEP 30.130-100  
Fone: (031) 3409.9641 FAX: (31) 3409.9640  
epg@medicina.ufmg.br



ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de ADRIANA BRAGA CHAVES, nº de registro 2008652291. Às quatorze horas, do dia **dezesseis de abril de dois mil e dez**, reuniu-se na Faculdade de Medicina da UFMG, a Comissão Examinadora de dissertação indicada pelo Colegiado do Programa, para julgar, em exame final, o trabalho intitulado: **"A FORMAÇÃO E O FORTALECIMENTO DO VÍNCULO EMOCIONAL ENTRE OS ADOLESCENTES PARTICIPANTES DE OFICINAS E A PREVENÇÃO DA VIOLENCIA: UMA INVESTIGAÇÃO A PARTIR DO PROJETO FRUTOS DO MORRO"**; requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Saúde: Saúde da Criança e do Adolescente, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde – Área de Concentração em Saúde da Criança e do Adolescente. Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão, Profa. Elza Machado de Melo, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do trabalho final, passou a palavra à candidata para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença da candidata e do público para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Profa. Elza Machado de Melo/Orientadora	Instituição: UFMG	Indicação: <u>APROVADA</u>
Profa. Cristiane de Freitas Cunha	Instituição: UFMG	Indicação: <u>APROVADA</u>
Profa. Andréa Maria Silveira	Instituição: UFMG	Indicação: <u>APROVADA</u>

Pelas indicações a candidata foi considerada APROVADA

O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a sessão e lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora. Belo Horizonte, 16 de abril de 2010.

Profa. Elza Machado de Melo/Orientadora

Profa. Cristiane de Freitas Cunha

Profa. Andréa Maria Silveira

Prof. Joel Alves Lamounier/Coordenador

Obs.: Este documento não terá validade sem a assinatura e carimbo do Coordenador.

CONFERE COM O ORIGINAL  
Centro de Pós-Graduação

Prof. Joel Alves Lamounier  
Coordenador do Programa de  
Pós-Graduação em Ciências da Saúde:  
Saúde da Criança e do Adolescente  
Faculdade de Medicina - UFMG



FACULDADE DE MEDICINA  
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Av. Prof. Alfredo Balena 190 / sala 533  
Belo Horizonte - MG - CEP 30.130-100  
Fone: (031) 3409.9641 FAX: (31) 3409.9640  
[cpg@medicina.ufmg.br](mailto:cpg@medicina.ufmg.br)



**DECLARAÇÃO**

A Comissão Examinadora abaixo assinada, composta pelos Professores Doutores: Elza Machado de Melo, Cristiane de Freitas Cunha e Andréa Maria Silveira, aprovou a defesa da dissertação intitulada: **“A FORMAÇÃO E O FORTALECIMENTO DO VÍNCULO EMOCIONAL ENTRE OS ADOLESCENTES PARTICIPANTES DE OFICINAS E A PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA: UMA INVESTIGAÇÃO A PARTIR DO PROJETO FRUTOS DO MORRO”** apresentada pela mestranda **ADRIANA BRAGA CHAVES**, para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde – Área de Concentração em Saúde da Criança e do Adolescente, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, realizada em 16 de abril de 2010.

Profa. Elza Machado de Melo  
Orientadora

Profa. Cristiane de Freitas Cunha

Profa. Andréa Maria Silveira

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE MEDICINA**  
**PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE**  
**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

Reitor: Prof. Clélio Campolina Diniz

Vice-Reitora: Prof<sup>a</sup>. Rocksane de Carvalho Norton

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Ricardo Santiago Gomez

Pró-Reitor de Pesquisa: Prof. Renato de Lima dos Santos

**FACULDADE DE MEDICINA**

Diretor: Prof. Francisco José Penna

Vice-Diretor: Prof. Tarcizo Afonso Nunes

Coordenador do Centro de Pós-Graduação: Prof. Manoel Otávio da Costa Rocha

Subcoordenadora do Centro de Pós-Graduação: Prof<sup>a</sup>. Teresa Cristina de Abreu Ferrari

Chefe do Departamento de Pediatria: Prof<sup>a</sup>. Maria Aparecida Martins

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE – ÁREA DE  
CONCENTRAÇÃO EM SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE**

Coordenador: Prof. Joel Alves Lamounier

Subcoordenadora: Prof<sup>a</sup> Ana Cristina Simões e Silva

Colegiado

Prof. Jorge Andrade Pinto

Prof<sup>a</sup> Ivani Novato Silva

Prof<sup>a</sup> Lúcia Maria Horta Figueiredo Goulart

Prof<sup>a</sup> Maria Cândida Ferrarez Bouzada Viana

Prof. Marco Antônio Duarte

Prof<sup>a</sup> Regina Lunardi Rocha

Vivian Mara Gonçalves de Oliveira Azevedo (Representante Discente)

Chaves, Adriana Braga.

C512f A formação e o fortalecimento do vínculo emocional entre os adolescentes participantes de oficinas e a prevenção da violência [manuscrito]; uma investigação a partir do Projeto Frutos do Morro. / Adriana Braga Chaves. -- Belo Horizonte: 2010.

93f.

Orientadora: Elza Machado de Melo.

Co-Orientador: Roberto Assis Ferreira.

Área de concentração: Saúde da Criança e do Adolescente.

Dissertação (mestrado): Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina.

1. Comportamento do Adolescente. 2. Identificação(Psicologia). 3. Adolescente. 4. Violência/prevenção & controle. 5. Dissertações Acadêmicas. I. Melo, Elza Machado de. II. Ferreira, Roberto Assis. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina. IV. Título.

NLM: WS 462

A todos que contribuem e que já contribuíram para que o Projeto Frutos do Morro continue a dar bons frutos.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais pelo o amor.

Ao Marcus Vinicius, companheiro e cúmplice.

A Professora Elza Machado de Melo, minha orientadora, por todos os ensinamentos e incentivos.

Ao Professor Roberto Assis co-orientador pelo o auxílio na leitura do texto freudiano.

A Lauriza, amiga e companheira por tudo que fez e que ainda é capaz de fazer por um amigo.

A minha prima Tânia Chaves, pelo apoio, incentivo e exemplo de disciplina e competência.

A Terezinha pelo os cuidados dispensados ao Luís Fernando durante todo o tempo em que precisei ficar confinada para estudar e concluir este trabalho.

Ao Sr. Duarte e a D. Ana por terem se desdobrado em carinho e dedicação ao netinho, enquanto eu estive estudando.

A minha mana Luiza e a minha afilhada Aninha pelo apoio em ficar com o Lu.

A Prof<sup>ª</sup> Stela Maris Aguiar Lemos pelas boas conversas.

A FAPEMIG pelo apoio financeiro durante um período do meu estudo.

A Janine pela amizade para além dos limites geográficos.



É preciso amor pra poder pulsar,  
É preciso paz pra poder sorrir,  
É preciso a chuva para florir

Cada um de nós compõe a sua história  
Cada ser em si carrega o dom de ser capaz  
De ser feliz

Fragments da música Tocando em frente de Almir Sater e Renato Teixeira

## **RESUMO**

O objetivo desta pesquisa foi analisar se e como a atividade em grupo contribui para a formação e o fortalecimento de vínculo emocional e se propicia a mudança de comportamento dos adolescentes frente à violência. O texto de Sigmund Freud “Psicologia de grupo e análise do eu” (1921), mediou e sustentou teoricamente todas as discussões, dando subsídios para a compreensão do fenômeno da identificação e sua relação com a formação e o fortalecimento de vínculo emocional entre os sujeitos membros de um grupo. Os sujeitos da pesquisa foram os adolescentes, moradores do Aglomerado Morro das Pedras e do Bairro Providência, que frequentavam as oficinas de promoção da saúde e prevenção da violência do Projeto Frutos do Morro. Este projeto está vinculado ao Núcleo de Promoção da Saúde e Paz – Faculdade de Medicina UFMG. O estudo utilizou métodos qualitativos de coleta de dados como: entrevista semi-estruturada, grupo focal e a observação participante. Durante quatro meses a pesquisadora acompanhou e observou as atividades realizadas em três oficinas; duas desenvolviam atividade reflexiva e uma terceira associava atividade reflexiva com uma prática esportiva. Os resultados revelam que todas as oficinas observadas contribuem para a formação e o fortalecimento de vínculo emocional entre os participantes. Nos relatos dos adolescentes foi possível perceber como estes têm procurado resolver os conflitos sem que seja necessário o uso da força ou a agressão por meio de palavras. Um fato importante mencionado pelos adolescentes se refere ao que é produzido e elaborado nas oficinas e que posteriormente é transmitido por ele em outros espaços de sua convivência. Desta forma podemos concluir que a oficina pode ser mais um recurso de abordagem da violência, entretanto é necessário acompanhar de perto os efeitos que ela alcança na vida dos adolescentes.

**Palavras-chave:** Vínculo emocional. Identificação. Adolescência. Prevenção da violência.

## ABSTRACT

The purpose of this study is to examine whether and how group activities contribute to the formation and strengthening of emotional bonds, and if they propitiate changes on the teenagers behavior towards violence. Sigmund Freud's "Group Psychology and the Analysis of the Ego" (1921) theoretically argued and mediated all discussions, providing subsidies for understanding the phenomenon of identification and its relation to the formation and strengthening of emotional bonds between group members. This study subjects were adolescents living on the Morro das Pedras cluster and on the Providência district who attended the workshops on health promotion and violence prevention of the *Frutos do Morro* Project. This project is linked to the *Núcleo de promoção da saúde e paz* [Center for health and peace promotion] – Faculdade de Medicina UFMG [UFMG Medical School]. This study used data collection qualitative methods, such as semi-structured interviews, group focus and participant observation. For four months the researcher had followed and observed activities carried out in three workshops: two which developed reflective activities and a third with reflective activities associated to sports. The results shows that all the workshops observed contribute to the formation and strengthening of emotional bonds between participants. In the teenagers reports it was possible to see how they have sought to resolve conflicts without requiring the usage of force or aggression through words. An important fact mentioned by the teenagers refers to what is produced and developed in the workshops, and which is subsequently transmitted by them in other acquaintanceship areas. Thus we can conclude that the workshops can be another resource to violence approaching; however it is essential to monitor its achievements on adolescents' lives.

**Key words:** Emotional bond. Recognition. Adolescence. Violence prevention.



## INTRODUÇÃO

Falar do projeto Frutos do Morro é também falar da minha trajetória dentro da Faculdade de Medicina. Em abril de dois mil e três, conheci a Professora Elza Machado de Melo, cursando a sua disciplina - Ação comunicativa e democratização da saúde<sup>1</sup>. Na ocasião, apresentei à professora um esboço de projeto de pesquisa, que tinha como objeto de estudo a temática da Promoção da Saúde. A professora Elza Machado de Melo ouviu pacientemente a minha exposição e, ao final, ao invés de fazer questionamentos sobre a viabilidade, a metodologia e outras coisas mais que sempre nos perguntam quando estamos no meio acadêmico, seu direcionamento foi outro: convidou-me para conhecer o Projeto Frutos do Morro. Não disse muito da proposta, só adiantou que era um projeto de promoção da saúde do adolescente. Saí da sala sem muito entender, mas já decidida a atender ao chamado: *“Venha conhecer o Projeto Frutos do Morro, realizamos oficinas de saúde com os adolescentes do Aglomerado Morro das Pedras, nos reunimos no décimo andar, todas as terças-feiras as 18:00”*. Quando cheguei, encontrei dez estudantes de medicina reunidos com a professora Elza e, como eu haveria de presenciar durante todos estes anos, a mesma cena se repetindo a cada entrada de novos integrantes para o projeto, fui recebida pela professora de forma amistosa e acolhedora. Penso que parte da minha pesquisa no que se refere à construção do vínculo e à forma como esta construção pode influenciar na vida do sujeito seja um reflexo do que vivenciamos no projeto.

A proposta da pesquisa surge de uma inquietação durante o tempo em que eu mesma realizei as oficinas do projeto nas escolas em torno do Aglomerado Urbano Morro das Pedras. Apesar de ter experiência em trabalhar com grupos<sup>2</sup> e acreditar em sua capacidade de transformação eu não conseguia perceber como isto poderia produzir algo em sentido contrário ao que era vivenciado pelos adolescentes em um ambiente permeado pela violência. A sensação de impotência aumentava ainda mais quando eu ouvia o relato dos adolescentes sobre as várias formas de violência a que estavam assujeitados ou que presenciavam no cotidiano de sua adolescência:

---

<sup>1</sup> Disciplina da pós-graduação em Saúde Pública. Faculdade de Medicina/UFMG.

<sup>2</sup> No período de três anos coordenei oficinas de promoção da saúde no Programa IPSEMG Família. Nesta época utilizava como referencial teórico o livro AFONSO (Org.). **Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial**, 2000.

Aqui tem violência de todo jeito, tráfico, morte, gangue, troca de tiro, violência verbal. Às vezes, tem marido que bate na mulher, espanca, bate nos filhos. Os alunos xingam os professores, batem no professor. Já deram cadeirada, já mandaram tanta coisa no professor, lata na testa do professor, pedrada.<sup>3</sup>

Ao ouvir estes relatos poderíamos ficar perplexos como se tais eventos também não ocorressem nos locais onde moramos ou como se desconhecêssemos toda e qualquer forma de violência. Não, não é disso que se trata! O que me causava espanto era o excesso e ao mesmo tempo a banalização, como se estes acontecimentos fossem próprios da condição de quem vive em locais de risco social. Voltava para casa pensando em alternativas que poderiam contribuir para a diminuição da violência, mas sempre acabava por repetir as inúmeras indicações já levantadas em pesquisas e estudos da área.

Um dia em um seminário de capacitação do Projeto, uma estudante de fonoaudiologia apresentou um texto de revisão bibliográfica sobre o tema da violência, onde um dos autores citados era Freud. Eu não lembro bem o que ela disse sobre o texto, mas anotei a referência utilizada. A escuta não foi aleatória, pois desde a graduação em psicologia os escritos de Freud e própria psicanálise vêm fazendo parte da minha formação.

O texto intitulado *Por que a guerra?*<sup>4</sup> É fruto de uma troca de correspondência entre Einstein e Freud em 1932. Einstein inicia um diálogo com Freud o interrogando se haveria alguma forma de livrar a humanidade da ameaça de guerra. Freud em resposta ao questionamento faz uma série de considerações e dentre elas a afirmação de que *“Tudo o que favorece o estreitamento dos vínculos emocionais entre os homens deve atuar contra a guerra.”* A partir da leitura deste texto e de outros indicados por Freud durante a sua exposição a Einstein, comecei a produzir questionamentos sobre o trabalho com os adolescentes do Morro das Pedras. Será que o trabalho que realizamos com os adolescentes favorece o estreitamento dos vínculos emocionais a ponto de atuar contra a violência? Quando penso que a prática da oficina é capaz de atuar contra a violência, a que tipo de violência estou me referindo? O que contribuiria para a diminuição da

---

<sup>3</sup> Relato extraído do grupo focal realizado na pesquisa *“Investigação dos Efeitos das Práticas Interativas Sobre a Prevenção da Violência”*, com os adolescentes do Aglomerado Urbano Morro das Pedras em 2004.

<sup>4</sup> FREUD, 1932, p.205.

violência, o fato dos adolescentes terem um espaço para se reunirem e se encontrarem ou o conteúdo e forma do trabalho em grupo? Em meio a esses questionamentos delineio um objeto de investigação, a relação entre a formação e manutenção dos vínculos emocionais e a mudança de comportamento frente à violência, de onde surge o presente projeto. Coloquei-me a trabalho.

O primeiro capítulo é uma apresentação do Projeto Frutos do Morro, onde conto a história do projeto, mesmo já existindo outras produções científicas sobre o assunto<sup>5</sup>, pois ninguém parte ou fala do mesmo lugar e acredito, por isso, trazer algo que ainda não tenha sido enunciado. Descrevo a metodologia de sua auto-gestão e de estruturação de suas oficinas.

No segundo capítulo será descrita a metodologia que foi utilizada durante o trabalho de pesquisa. O terceiro capítulo, intitulado referencial teórico, apresento uma leitura do texto de Sigmund Freud *Psicologia de grupo e análise do eu*, priorizando a compreensão do mecanismo de formação e fortalecimento do vínculo emocional entre os membros de um grupo.

Os resultados e a discussão serão tratados no quarto capítulo, no qual pretendo apresentar, a partir das oficinas do Projeto Frutos do Morro e da fundamentação teórica da psicanálise, o que favorece a formação dos vínculos emocionais e porque a partir disso é possível vislumbrar uma mudança de comportamento do adolescente frente à violência interpessoal.

Finalmente, nas conclusões, ciente de ter iniciado uma investigação que ainda se mostra parcial, procurarei compartilhar de algumas inferências construídas após percorrer todo o processo de pesquisa de campo e análise dos dados qualitativos. Espero que possamos contribuir para a compreensão da formação do vínculo entre os participantes de oficinas, como para a sua manutenção e prevenção da violência entre adolescentes.

---

<sup>5</sup> MELO, Elza Machado *et al.* Prevenção da violência em adolescentes: experiência do Projeto Frutos do Morro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2., 2004, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2004; MELO, Elza Machado *et al.* Projeto meninos do Rio: mundo da vida, adolescência e riscos de saúde. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, jan./fev. 2005; MELO, Elza Machado *et al.* A violência rompendo as interações, as interações superando a violência. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 7, n. 1, jan./mar. 2007.

## Objetivos do Estudo

### Objetivo geral

Pesquisar e analisar se e como as atividades em grupo contribuem para a formação e fortalecimento dos vínculos emocionais e se propiciam a mudança de comportamento frente à violência entre os adolescentes e jovens moradores do Aglomerado Urbano Morro das Pedras.

### Objetivos específicos

1. Investigar e analisar quais são os tipos de violência mais presentes no cotidiano dos adolescentes e jovens participantes das oficinas do Projeto Frutos do Morro.
2. Verificar a existência de vínculos entre os integrantes das oficinas
3. Contribuir para a prática de oficinas com adolescentes



## 1 PROJETO DE EXTENSÃO FRUTOS DO MORRO

O Projeto de Extensão Frutos do Morro está vinculado ao Núcleo de Promoção da Saúde e Paz, do Departamento de Medicina Preventiva e Social – Faculdade de Medicina da UFMG. Sua prática é baseada na extensão, no ensino e na pesquisa e tem como, principal fundamentação teórico-metodológica a Teoria da Ação Comunicativa<sup>6</sup> de Habermas, tomando dela, especialmente, o papel da intersubjetividade lingüisticamente mediada, como base de construção de sujeitos, saberes e vínculos.

O projeto foi criado em dois mil e um a partir de um convite do Programa Fica Vivo<sup>7</sup>. Na ocasião a professora Elza Machado de Melo era docente do Internato Rural de Medicina,<sup>8</sup> no Vale do Rio São Francisco e Norte de Minas, onde desenvolveu projetos de promoção e prevenção da saúde dos adolescentes, Pirapora Adolescente, Buritizeiro Adolescente, Morada Nova e As Gentes de Ibiaí, cada um em suas respectivas cidades. A partir desta experiência e diante do interesse do Programa Fica Vivo no investimento de atividades de saúde, a serem somadas as já existentes, de esporte, cultura, inclusão produtiva e comunicação, surge a proposta de realização de oficinas com os adolescentes do Aglomerado Morro das Pedras. O modelo de atuação seria muito próximo ao que já vinha sendo feito pelos projetos citados anteriormente e, de modo coerente aos pressupostos teóricos, fundamentava-se fortemente na participação dos envolvidos, professores e alunos da Universidade, profissionais, adolescentes, comunidade em geral.

A primeira etapa do trabalho no Morro das Pedras consistiu do estabelecimento de relações com os atores sociais que ali viviam, para conhecer suas demandas, preferências e potencialidades. A estratégia adotada consistia da organização de novos eventos e práticas, da participação da equipe em eventos, programas e atividades promovidos por outras instituições ou tradicionalmente realizados pela comunidade e, pelo desenvolvimento de estratégias, propostas e ações, em resposta a demandas oriundas dos mais diferentes grupos e setores. Nessa fase, a

---

<sup>6</sup> HABERMAS. *Teoria de la acción comunicativa*. Madrid: Taurus, 1987.

<sup>7</sup> Programa de Controle de Homicídios – Secretaria de Estado da Defesa Social - MG

<sup>8</sup> O Internato Rural é estágio obrigatório do último ano de medicina da FM/UFMG, quando os alunos vão para cidades do interior de Minas Gerais, onde moram por três meses e desenvolvem atividades de atenção primária de saúde junto às equipes de Saúde da Família.

parceria com o Projeto Fica Vivo era intensa e produtiva e muitos intercâmbios, de natureza técnica, política e financeira foram estabelecidos.

Depois de inseridos no contexto dos adolescentes, da comunidade e das relações com as instituições que lá atuavam, foram definidos os principais temas a serem trabalhados: saúde, sexualidade, prevenção de doenças, especialmente, as sexualmente transmissíveis, direitos do adolescente. Só depois dessa fase o Projeto passa a ser Frutos do Morro, exatamente a partir do momento em que ele passa a ter existência para a comunidade que por isso lhe dá o nome.

Em dois mil e três, o projeto inicia, também por decisão coletiva, as atividades em cinco escolas públicas em torno do Aglomerado Morro das Pedras: Escola Estadual Mário Casassanta, Escola Estadual Nossa Senhora Aparecida, Escola Estadual Nossa Senhora do Belo Ramo, Escola Municipal Hugo Werneck e Escola Municipal Oswaldo Cruz. Em cada uma delas, oficinas eram realizadas, sob a orientação de alunos e professores da Universidade.

Inicialmente, as oficinas não abordavam diretamente temas relacionados à prevenção da violência, a prática ainda estava sendo construída e muito do que ainda era realizado baseava-se em atividades de auto-cuidado, DSTs, sexualidade e gravidez na adolescência. Em pouco tempo de contato com os adolescentes, porém, percebemos que a atuação deveria privilegiar também outros temas como solidariedade, auto-estima, identidade, relações de gênero, cultura da paz, etc. É que, independentemente do tema, a violência sempre fazia parte dos relatos. Lembrome quando estávamos realizando uma gincana com perguntas relacionadas à saúde e antes de fazermos a pergunta um adolescente nos interrompeu dizendo “Cês vão fazer perguntas sobre o Morro? Assim: Qual o tipo de arma mais da hora? Se o ocês não sabe é o oitão, veí”<sup>9</sup>

Tudo isso nos fazia pensar na importância de intensificar a divulgação da nossa prática, enquanto um espaço de troca de experiências, de construção de novos saberes e de diálogo entre a universidade e os adolescentes. A fala do adolescente, mesmo que pareça ser irônica e provocativa, traduzia um pouco a vivência dos moradores de comunidades que passaram a ser foco de intervenção do Estado na diminuição da violência. Geralmente, estas comunidades começam a ser assediadas com perguntas, pela imprensa ou pelos órgãos responsáveis por planejar a intervenção sobre crimes e atos de violência, ganham visibilidade negativa na mídia, assumem o papel ou estigma conferido e passam a reproduzir os relatos como se fossem algo

---

<sup>9</sup> Esta fala ocorreu em 2003 durante uma oficina realizada com os adolescentes pelo Projeto Frutos do Morro denominada *Saúde em Ação*, em uma das escolas ao redor do Aglomerado Morro das Pedras.

corriqueiro, como se esta vivência fosse a única que interessasse a todos que se aproximam. Paradoxalmente, queixavam dessa postura rotuladora e manifestavam incessantemente o desejo de ter vínculos e relações pautadas em outros valores e outros motivos. Era assim a comunidade do Morro das Pedras, à época, apontada pelas estatísticas como sendo de alto índice de homicídios devido a grande presença do tráfico.<sup>10</sup>

A convivência com os adolescentes levou à compreensão de que era preciso, corroborando os marcos teóricos do Projeto, proporcionar espaços de diálogo e garantir a participação ativa do adolescente em todas as atividades. Era importante saber quais eram os seus anseios sobre o próprio processo da adolescência e captar em seu discurso e em suas atitudes situações que atravessavam a sua vivência de adolescente e de morador de uma região considerada violenta.

Iniciamos o segundo semestre de dois mil e três com duas novas propostas, primeiro com a realização do concurso da logomarca, pois percebemos que era importante fortalecer ainda mais a identidade do projeto. Já tínhamos o nome, agora era preciso dar-lhe uma representação visual. Organizamos um concurso de desenho nas escolas onde realizávamos as oficinas e todos os adolescentes foram incentivados a participar tanto na produção dos desenhos quanto na votação dos três melhores desenhos. Dos três selecionados e premiados um se transformou na logomarca do projeto.

Era necessário também rever a nossa metodologia de estruturação das oficinas; primeiro buscou-se definir o que entendíamos por um trabalho desenvolvido através de oficinas e após algumas discussões no grupo adotamos a definição do livro de Lúcia Afonso<sup>11</sup> por acreditarmos que a nossa prática estava em consonância com o conceito que a autora apresenta em sua obra.

A oficina é um trabalho estruturado com grupos, independentemente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe a elaborar, em um contexto social. A elaboração que se busca na Oficina não se restringe a uma reflexão racional, mas envolve os sujeitos de maneira integral, formas de pensar, sentir e agir. (Afonso, 2000)

---

<sup>10</sup> CENTRO de Estudos em Criminalidade e Segurança Pública – CRISP/UFMG. **Informativo**, ano 1, n. 5. fev. 2003.

<sup>11</sup> AFONSO, 2000.

Um segundo passo para organizarmos a estruturação das oficinas foi propor que os temas também pudessem ser indicados pelos próprios adolescentes. Para nossa surpresa, a princípio, não houve muitas alterações em relação às temáticas antes propostas, mas o fato de ouvi-los e incluí-los no processo de construção do trabalho foi importante para fortalecer o vínculo entre nós e eles e deles com o projeto. Decidimos, também, que os grupos de adolescentes deveriam ser agrupados conforme a faixa etária de 10 a 12 anos, de 13 a 15 anos e acima de 16 anos. Adotamos estes três níveis tendo como referência o Guia de Orientação Sexual<sup>12</sup>, apesar das oficinas não priorizarem o tema da sexualidade, sempre surge o interesse em discutir algum assunto relacionado a ela e devido a isso, era importante garantir que o vocabulário e o conteúdo estivessem apropriados conforme o nível de desenvolvimento, compreensão, interesse e da própria vivência do adolescente em relação a sua sexualidade.

A partir de dois mil e quatro, parte dos estudantes de medicina começaram a se desligar do projeto por estarem concluindo o curso, mas um efeito meio que “bola de neve” entre os estudantes fazia com que desde o início outros se interessassem pela a proposta, de modo que sempre a cada ano, novos alunos da medicina e de outros cursos ingressavam no Projeto. O Frutos colhia então novos frutos na fonoaudiologia, na engenharia, na odontologia, no direito, na fisioterapia, na terapia ocupacional, na enfermagem e na medicina. Outros olhares e novos saberes passaram a permear a nossa prática, os novos estudantes contribuíram também para a adesão de mais cinco professoras da universidade, Andréa Maria Silveira (Medicina), Sônia Maria Pimenta (Letras), Stela Maris Aguiar Lemos (Fonoaudiologia), Alda Martins Gonçalves (Enfermagem) e Ana Maria Sette Câmara (Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional). Os profissionais voluntários também começaram a surgir, Lauriza Maria Pinto Nunes (pedagoga), Maria Aparecida Machado de Melo (psicóloga), Luciana Kind (psicóloga).

Nestes sete anos de Projeto Frutos do Morro tenho presenciado saídas e entradas de integrantes e vivenciado conquistas e desafios tanto para a sistematização de um projeto que sustenta a construção coletiva de sua prática quanto ao trabalho realizado junto com os adolescentes.

---

<sup>12</sup> GUIA..., 2004.

## 1.1 A Metodologia do Projeto Frutos do Morro

Para efeito de apresentação, a metodologia do projeto será dividida em duas partes. A primeira está relacionada à reflexão e sistematização das atividades ou ao preparo da equipe para a atuação junto aos adolescentes e a segunda parte é o trabalho realizado com os adolescentes nas escolas e instituições.

A primeira parte inclui o relato das atividades realizadas durante a semana e sua discussão, o planejamento das próximas atividades e a organização de seminários de capacitação para os integrantes do projeto. Para darmos conta destas tarefas, que estão imbricadas umas às outras, todos os integrantes do projeto se reúnem uma vez por semana na Faculdade de Medicina. Vale ressaltar que a reunião é um processo mais dinâmico e instigador do que harmônico. Os responsáveis por coordenar a oficina apresentam o tema que foi trabalhado, quais os recursos que foram utilizados para abordar o assunto, relatam como foi a participação dos adolescentes e avaliam se a atividade alcançou o objetivo proposto. Há uma diversidade de relatos, pois cada oficina trabalha com a temática de interesse daquele grupo de adolescentes e tanto pode acontecer de coincidirem os temas como não. A partir desta exposição iniciamos um processo de discussão com intuito de contribuir tanto para a avaliação de nossa prática e orientação do acadêmico que coordena as atividades como para o planejamento das próximas oficinas com os adolescentes. Um dos resultados desta avaliação é a organização de seminários de capacitação para todos os integrantes do projeto. Os temas demandados tem sido: Teoria da Ação Comunicativa de Habermas, observação participante, elaboração e estruturação de oficinas, adolescência e sexualidade, Extensão Universitária, linguagem, drogas e álcool.

A segunda parte da metodologia refere-se ao trabalho com os adolescentes. O critério para a entrada dos adolescentes na oficina é baseado na idade e sua disponibilidade em participar das atividades. Divulgamos<sup>13</sup> na escola ou na instituição o dia e o horário em que as oficinas serão realizadas. O convite é feito a todos, pela passagem da equipe de sala em sala, que se apresenta e faz um breve relato sobre o Projeto Frutos do Morro. Em muitas ocasiões, adolescentes que já participaram do Projeto compartilham esse trabalho de divulgação. Os

---

<sup>13</sup> Os responsáveis pela divulgação são os integrantes do projeto que têm o papel de coordenar as oficinas naquele local.

adolescentes que manifestam o interesse em participar recebem um termo de autorização que deve ser assinado pelo responsável caso ele concorde que o adolescente participe das oficinas. Em algumas circunstâncias a escola ou a instituição solicita que determinado adolescente<sup>14</sup> participe das atividades; a princípio, atendemos ao pedido, mas deixamos bem claro que nenhum adolescente será obrigado a participar, só fica na oficina quem quer. Cada oficina comporta até doze adolescentes, pois trabalhar com grupos menores favorece um melhor acompanhamento tanto das atividades como das discussões e reflexões que permeiam toda a prática da oficina. No momento da divulgação esclarecemos que se houver um número maior de adolescentes haverá um sorteio ou, como ocorreu em muitas vezes, a oficina se desdobrará em duas.

Nos primeiros encontros com os adolescentes, geralmente dois ou três, realizamos atividades de integração do grupo e formação de identidade. Estas atividades favorecem uma aproximação entre os participantes, proporcionando uma melhor integração entre eles. Logo após, propomos a elaboração das regras de convivência. Neste momento todo o grupo é convidado a refletir sobre quais comportamentos dificultam e facilitam a convivência em grupo. Além disso, é ratificado o número de encontros que serão realizados no período de concretização da oficina e o compromisso em colaborar para a realização das atividades e em comparecer no dia e horário combinado. Passados estes primeiros encontros inicia-se o levantamento de temas que os adolescentes desejam que sejam abordados na oficina.

A partir da indicação dos temas, os coordenadores da oficina elaboram um planejamento das atividades. Este planejamento é um norteador do trabalho, mas não visa engessá-lo, pois durante a realização das oficinas pode surgir algum outro assunto ou situação vivida pelo grupo que necessita ser discutida no espaço da oficina.

Como forma de dar visibilidade e concretude à produção que os adolescentes realizam nas atividades e como estratégia de divulgação do Projeto na comunidade, a cada semestre, elaboramos um Jornal Mural, em que cada grupo de oficina fica responsável por uma matéria, depois este jornal é distribuído tanto nas escolas quanto na comunidade, sempre preservando a autoria dos adolescentes.

---

<sup>14</sup> Durante estes anos de trabalho por várias vezes nos foi solicitado que incluíssemos os adolescentes vistos pela a escola como problemáticos, devido à indisciplina, a falta de interesse pelos estudos, a agressividade, etc. Destes encaminhados poucos permanecem na oficina.

Durante a realização das oficinas um dos integrantes da equipe fica responsável por fazer a observação participante, utilizamos um roteiro elaborado por uma colaboradora<sup>15</sup> do projeto. Este procedimento de pesquisa qualitativa nos auxilia na sistematização das informações, subsidia a avaliação e o acompanhamento das atividades realizadas. Os adolescentes são comunicados sobre a função da observação participante e que a mesma não tem o objetivo de registrar nomes ou identificar pessoas. Com estes esclarecimentos buscamos garantir que o adolescente possa se sentir seguro em expressar suas idéias e sentimentos.

A prática da observação participante possibilita também o levantamento de dados que apontam para a necessidade de aprofundarmos em determinados temas nas oficinas com os adolescentes e, sobretudo indica a necessidade de desenvolvermos pesquisas que possam subsidiar a nossa prática e contribuir para o conhecimento científico.

A partir dos indicativos da observação participante, em 2004, a Professora Elza Machado de Melo elaborou e coordenou a pesquisa “Investigação dos Efeitos das Práticas Interativas Sobre a Prevenção da Violência”, da qual participei como pesquisadora voluntária e cujo objetivo da pesquisa foi investigar, por meio de associação de metodologias, as relações de causa e efeito entre o desenvolvimento de práticas interativas fundadas na autonomia dos atores sociais e o controle de práticas e atitudes violentas entre adolescentes e jovens. Utilizamos como instrumento para coleta de dados a observação participante, o grupo focal e o questionário auto-aplicável, realizados antes e depois da realização das oficinas por um período de um ano. Parte dos dados já foi publicado no artigo “A violência rompendo interações. As interações superando a violência.”<sup>16</sup>

Podemos dizer que a pesquisa que ora apresentamos também é fruto das inquietações trazidas da observação participante durante o tempo em que estive coordenando oficinas do Projeto Frutos do Morro, no Aglomerado Morro das Pedras.

No nosso entendimento, o Projeto Frutos do Morro é assim: lugar de aprender, de ensinar, de compartilhar e, às vezes, até de inovar diante das dificuldades e desafios que encontramos pelo o caminho.

---

<sup>15</sup> Márcia Andréa Nogueira Magalhães

<sup>16</sup> MELO, 2007.

## 2 METODOLOGIA

Este estudo utiliza metodologia qualitativa que torna possível a investigação acerca dos sentimentos, idéias e comportamentos humanos e, de posse desse universo de informações, busca apreender quais sentidos e significações aqueles fenômenos mencionados ganham especial atenção para os sujeitos escolhidos para o estudo. Através desta metodologia o pesquisador tem acesso a informações que não seriam possíveis obter por métodos quantitativos (TURATO, 2003 p.145). Além disso, os achados de uma pesquisa baseada em métodos qualitativos podem contribuir tanto para a construção do conhecimento, para o avanço ou o início de uma nova teoria, como também, para esclarecer as abordagens já consolidadas (MINAYO, 2000, p. 96)

Para alcançar os objetivos do estudo, ou seja, pesquisar e analisar se e como as atividades em grupo contribuem para a formação e fortalecimento dos vínculos emocionais e se propiciam a mudança de comportamento frente à violência entre os adolescentes e jovens moradores do Aglomerado Urbano Morro das Pedras, foram utilizados métodos qualitativos de coleta de dados, a saber, a observação participante, os grupo focais e as entrevistas semi-estruturadas.

A observação participante tem sido considerada parte essencial do trabalho de campo na pesquisa qualitativa. Através dela é possível observar as relações que se estabelecem entre os indivíduos inseridos em determinado contexto social. Ela permite relacionar os acontecimentos a suas representações e as contradições entre as leis e sua prática por meio das incoerências vivenciadas no cotidiano do grupo (MINAYO, 2000, p. 147). Quanto ao grupo focal, neste procedimento, as opiniões, percepções e valores dos sujeitos da pesquisa serão apreendidos por meio da discussão em grupo, de temas de interesse da pesquisa; os grupos focais permitem o aprofundamento qualitativo de questões que são compartilhadas por todos, permite a comparação com outros grupos e ainda oferecem informações que, confrontadas com as demais, sinalizam quanto à correção e a fecundidade do caminho seguido pela pesquisa (MINAYO, 2000). Por fim, a entrevista semi-estruturada, técnica de investigação e comunicação que permite a captação de informações objetivas e de níveis mais profundos da subjetividade do entrevistado, como opiniões, valores, crenças e atitudes. É um procedimento, mediante o qual o entrevistado deve proporcionar informações por meio de uma série de perguntas intencionais ou de estímulos



comunicados (COUTINHO; CUNHA, 2004. p.107). Cabe ao entrevistador criar um ambiente favorável para que o entrevistado se sinta seguro e à vontade para expressar suas idéias e vivências em relação ao tema da entrevista. Para isso, é importante o entrevistador mostrar-se respeitoso e atento à fala do entrevistado.

A imbricação entre estes três métodos de pesquisa qualitativa viabilizou a apreensão da dinâmica das oficinas realizadas com os adolescentes e dos fenômenos e relações que ocorreram e se estabeleceram dentro do espaço da oficina. Permitiu, também, ter acesso a vivências, saberes e impressões dos adolescentes acerca da violência. Nos resultados, apresentamos de forma clara e precisa o que cada instrumento trouxe de particular para a pesquisa e como os achados de cada um convergiram e contribuíram para a análise e compreensão do objeto estudado.

Durante a realização deste estudo, a Professora Elza Machado de Melo, orientadora da pesquisa e também fundadora e coordenadora do Projeto Frutos do Morro, permaneceu inteiramente longe das atividades práticas do Projeto e de todas as atividades de campo da pesquisa, com o objetivo de evitar interferências sobre os resultados. O seu acesso aos achados da pesquisa se deu, somente, a partir das orientações realizadas no decurso do estudo e no momento da escrita da dissertação. Pelas mesmas razões, a mestranda, também integrante do Projeto Frutos do Morro, interrompeu sua atuação no projeto, em todo o período de desenvolvimento da dissertação. O estudo foi aprovado pela Câmara do Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina e pelo Comitê de Ética em pesquisa (COEP) da UFMG.

O plano para a coleta de dados será apresentado passo a passo desde a realização do pré-teste, momento de ajuste dos instrumentos, a escolha das oficinas a serem acompanhadas até a coleta final com as entrevistas com os sujeitos chaves da pesquisa.

No primeiro semestre de dois mil e oito foi realizado pré-teste dos instrumentos de pesquisa a fim de verificar se eles, a saber, roteiro do grupo focal e roteiro da entrevista semi-estruturada, estavam adequados em relação ao que se propunham investigar e se a linguagem estava adequada em relação à compreensão dos adolescentes. Tomou-se o cuidado de realizar os dois pré-testes nas duas regiões onde o projeto realiza as oficinas, um na escola Municipal Osvaldo Cruz, região oeste e o outro na Escola Estadual Professora Celmar Botelho Duarte, região norte de Belo Horizonte. A direção das escolas foi esclarecida sobre o objetivo da atividade e auxiliou na escolha dos adolescentes, garantido que os mesmos fossem

representativos em relação ao universo escolar e público das oficinas do projeto. O pré-teste foi realizado com quatro adolescentes, dois do sexo feminino e dois do sexo masculino com a faixa etária semelhante a aqueles que participam das oficinas do projeto. Os adolescentes foram informados sobre o objetivo da pesquisa e a importância do teste dos instrumentos metodológicos. Após o *rapport*<sup>17</sup> foi solicitado aos adolescentes que eles lessem cada pergunta, do grupo focal e da entrevista, e dissesse o que ele entendeu da pergunta. Este procedimento auxiliou na formatação final dos instrumentos que foram utilizados na pesquisa de campo.

No início de julho já tínhamos uma projeção de quais oficinas iriam ocorrer no segundo semestre e no início de agosto, já tínhamos garantido o funcionamento de quatro oficinas, uma na Escola Estadual Professora Celmar Botelho Duarte, região norte de Belo Horizonte e três no Aglomerado Morro das Pedras; Escola Municipal Osvaldo Cruz, Escola Estadual Nossa Senhora Aparecida e uma na Instituição Casa do Pequeno Cristo.

Dentre estas quatro oficinas decidiu-se por acompanhar três que já tinham sido estruturadas para funcionar no prazo médio do projeto no semestre, ou seja, no período de quatro meses. Este período para a realização das oficinas está relacionado tanto no primeiro quanto no segundo semestre de cada ano com o início e o término do ano letivo dos adolescentes e também dos acadêmicos, responsáveis em realizar as oficinas no Aglomerado Morro das Pedras. Estar estruturada significa ter o espaço físico disponibilizado pela escola ou instituição onde aconteceriam às oficinas e ter definidos os responsáveis pela coordenação da oficina, dois ou três acadêmicos, que iriam realizar todas as atividades durante os quatro meses.

Foram selecionadas duas oficinas do Aglomerado Morro das Pedras, sendo elas uma na Escola Estadual Nossa Senhora Aparecida que incorporava uma atividade esportiva, no caso o jiu-jitsu, seguida de atividades reflexivas com temas variados e outra na Instituição Casa do Pequeno Cristo.<sup>18</sup> Uma terceira oficina, no bairro Providência, era realizada na Escola Estadual Professora Celmar Botelho Duarte. As duas últimas desenvolviam atividades lúdicas e reflexivas sobre temas variados. Após esta seleção os alunos e professores da UFMG, integrantes do Projeto Frutos do Morro foram convidados a participar de uma discussão e apresentação dos passos da

---

<sup>17</sup> Pode ser definido como um sentimento consciente de acordo, simpatia, confiança e responsividade mútua entre uma pessoa e outra. (TURATO, 2003).

<sup>18</sup> A instituição está localizada dentro do Aglomerado Morro das Pedras e é mantida pela igreja católica e pelo Colégio Regina Pacis. Serão dadas mais informações sobre a instituição e o trabalho por ela desenvolvido na parte dos resultados e discussão.

pesquisa de campo. Neste momento, eles tomaram conhecimento de quais oficinas seriam acompanhadas e quais os métodos de pesquisa qualitativa seriam utilizados.

Os sujeitos da pesquisa foram ao todo, no somatório das três oficinas, 35 entre adolescentes e jovens de 11 a 24 anos<sup>19</sup> participantes das três oficinas do Projeto Frutos do Morro, selecionadas. O número de encontros observados, no período de quatro meses, em cada oficina, esteve condicionado ao próprio funcionamento do grupo, ou seja, a oficina realizada na Escola Estadual Nossa Senhora Aparecida, o jiu-jitsu, realizou 11 encontros, a oficina na Casa do Pequeno Cristo realizou 9 encontros e a oficina da Escola Estadual Celmar Botelho realizou 9 encontros. A média de participantes em cada oficina variou de 8 a 15. Foram realizados três grupos focais, sendo um em cada oficina e foram entrevistados 3 ou 5 adolescentes em cada oficina.

Passado o processo de preparo para entrada no campo de pesquisa, iniciamos o contato com os adolescentes participantes das três oficinas, relatamos o objetivo da pesquisa, entregamos e lemos para os adolescentes o termo de consentimento que deveria ser assinado por ele e por um responsável caso estivessem de acordo com a sua participação na pesquisa. Esclarecemos que se algum responsável sentisse a necessidade de obter mais informações sobre a pesquisa a pesquisadora estaria à disposição para atendê-los por telefone ou mesmo na escola ou na instituição onde a oficina fosse realizada.

O acompanhamento nas três oficinas foi realizado rotineiramente, pela pesquisadora, durante todo o período em que estas foram realizadas. No primeiro dia de cada oficina a pesquisadora esclareceu, novamente, que estaria presente em todos os encontros e que iria fazer algumas anotações sem identificar nomes ou pessoas e estas anotações iriam auxiliar no estudo. A observação participante gerou um diário de campo onde eram anotadas as observações feitas sobre a oficina, os diálogos com os coordenadores das oficinas, os funcionários da escola ou da instituição e as reflexões que ali mesmo já começavam a ser feitas pela pesquisadora.

Os grupos focais foram realizados em média dois meses após o início das oficinas. Foi necessário aguardar um tempo para garantir que o grupo se tornasse mais fixo, pois é comum após o início da oficina outros adolescentes manifestarem o interesse em participar da atividade. Todos os três grupos focais foram coordenados pela pesquisadora responsável como moderadora

---

<sup>19</sup> Na oficina de jiu-jitsu a faixa etária varia de 12 a 24 anos, nas demais a faixa etária era de 11 a 16 anos.

e por uma pesquisadora voluntária<sup>20</sup> como observadora. Antes do início do grupo focal os adolescentes foram informados sobre o procedimento e incentivados a comunicarem as suas idéias e sentimentos em relação aos assuntos tratados. Foi enfatizado que todas as falas eram importantes e que o objetivo da discussão não era avaliar se estava certo ou errado, mas sim de saber e compreender como eles, os adolescentes, pensam sobre determinados temas. Os grupos focais foram gravados em fita cassete e depois transcritos pela a própria pesquisadora. A observadora redigiu um relatório com as observações realizadas durante a atividade. “A principal tarefa do observador é analisar a rede de interações presentes durante o processo grupal. Cabe a ele também, apontar as reações do moderador com relação ao grupo, suas dificuldades e limitações” (KIND, 2001, p.4). Cada grupo focal durou em média 60 minutos e foi realizado no mesmo local onde a oficina era realizada.

Por último, foi realizada a entrevista semi-estruturada. Todas as entrevistas foram efetuadas pela a própria pesquisadora e o número de entrevistados em cada oficina foi diferente em virtude da particularidade de cada grupo. No total foram entrevistados doze adolescentes, três meninos e nove meninas. Todas as entrevistas foram gravadas em fita cassete e transcritas pela própria pesquisadora. A estratégia de gravar a entrevista foi adotada com o objetivo de captar ao máximo o conteúdo exposto pelo adolescente e de permitir que a pesquisadora ficasse com a sua atenção voltada para o entrevistado sem se preocupar em anotar. No início da entrevista foi realizado um *rapport* com o entrevistado a fim de deixá-lo tranqüilo e a vontade para expressar suas idéias e sentimentos. As entrevistas duraram em média 40 minutos.

Para a análise dos dados da pesquisa utilizou-se como referência a análise de conteúdo. Podemos dizer que a análise qualitativa de conteúdo busca examinar o texto de maneira sistemática, no passo a passo, por meio de um sistema de categorias desenvolvido a partir dos dados da pesquisa e guiado por uma teoria. Turato (2003) destaca que é importante que o pesquisador vá além da etapa meramente descritiva do conteúdo é necessário fazer as conhecidas inferências a fim de ampliar o seu escopo de análise. Ele alerta que a “lista de temas categorizados extraídos do levantamento qualitativo constitui achados mudos”, (TURATO, 2003, p.443) portanto, é tarefa do pesquisador fazer a discussão e a interpretação dessas informações. Sendo necessário, após a categorização, fazer a contextualização dos dados encontrados para que

---

<sup>20</sup> A pesquisadora voluntária, Lauriza Maria Nunes Pinto, é integrante do Núcleo de Promoção da Saúde e Paz – Faculdade de Medicina/UFMG.

eles possam novamente ganhar vida. O encontro entre o conteúdo que emerge da investigação e a teoria que fundamenta a pesquisa representa a possibilidade de avançarmos em relação ao entrelaçamento entre teoria e prática e a conseqüente contribuição para o conhecimento científico. Desse entrelaçamento surgem também às categorias de análise utilizadas neste trabalho. O referencial teórico que orientou o nosso percurso de análise foi a teoria psicanalítica, em especial uma das obras de Sigmund Freud denominada *Psicologia de grupo e análise do eu*.<sup>21</sup> Esta obra foi escolhida como a principal referência, devido a sua relevância e por estar diretamente relacionada com o objeto de nossa pesquisa.

As informações geradas pelos grupos focais, pela observação participante e pelas entrevistas foram organizadas em três categorias<sup>22</sup> que serão apresentadas e discutidas no capítulo dos resultados e discussão: 1) Definição e envolvimento com a violência. 2) Formação e fortalecimento de vínculo. 3) Vínculo e prevenção da violência.

O quadro abaixo apresenta a estrutura metodológica da pesquisa e como esta foi sistematizada a partir da pesquisa de campo.

---

<sup>21</sup> FREUD, 1921, p. 79-154.

<sup>22</sup> A organização dos dados da pesquisa para a elaboração das categorias e, posteriormente, a sua análise do conteúdo esta nos anexos deste estudo.

QUADRO 1  
Estrutura Metodológica

Procedimento	Descrição
Observação Participante	<p><b>Período de acompanhamento</b> - agosto a novembro de 2008</p> <p><b>Casa do Pequeno</b> – Nove encontros</p> <p><b>E. E.Profª Celmar Botelho Duarte</b> - Nove encontros</p> <p><b>Jiu-jitsu</b> – Onze encontros</p>
Grupos Focais	<p><b>Total realizado</b> - Três</p> <p><b>Casa Pequeno Cristo</b> – Seis meninas</p> <p><b>E.E.Profª Celmar Botelho Duarte.</b> – Sete meninos e duas meninas (nove participantes)</p> <p><b>Jiu-jitsu</b> – Seis meninas e três meninos (nove participantes)</p>
Entrevista semi-estruturada	<p><b>Total de entrevistados</b> – Doze</p> <p><b>Casa do Pequeno Cristo</b> – Três meninas</p> <p><b>E.E. Profª. Celmar Botelho Duarte</b> – Três meninas e dois meninos.( cinco)</p> <p><b>Jiu-jitsu</b> – Três meninas e um menino. (quatro)</p>

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico que norteou esta investigação baseia-se em um texto que faz parte da obra da psicanálise freudiana. O texto intitulado *Psicologia de grupo e análise do eu*, de 1921, representa um esforço de Sigmund Freud em demonstrar que é possível analisar as relações estabelecidas nos grupos em que o indivíduo circula no decorrer de sua existência utilizando o conhecimento sobre a vida psíquica, denominado por ele, nesta época, de psicologia da mente individual. Da mesma forma a psicologia individual que privilegia o indivíduo, explorando os meios pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos pulsionais, deve levar em conta as relações desse indivíduo com os outros. Portanto, constitui objeto principal desse texto de Sigmund Freud a investigação da psicologia dos grupos tendo como base as alterações na psicologia da mente individual.

O texto auxilia a compreensão das relações que se estabelecem nos grupos estudados por Freud e como essas relações favorecem a formação e a manutenção do vínculo emocional entre os seus participantes. O autor inicia a sua investigação a partir de três perguntas: O que é, então, um grupo? Como adquire ele a capacidade de exercer influência tão decisiva sobre a vida mental do indivíduo? E qual é a natureza da alteração mental que ele força no indivíduo? Os questionamentos feitos pelo autor e a sua produção teórica a partir destas indagações nos orientaram durante todo o percurso da pesquisa, ou seja, na elaboração da hipótese do estudo, na pesquisa de campo e na análise dos dados encontrados.

Optar pela teoria psicanalítica como principal referencial teórico representa um interesse pelo texto freudiano. Além disso, é importante ressaltar que no decorrer de toda a pesquisa, o conhecimento psicanalítico, a sua prática e vivência atravessam a escrita e o diálogo entre a pesquisadora, os dados e as suas inferências.

### 3.1 O vínculo emocional e a identificação como meio de entrada e permanência no grupo

Como já foi dito na introdução deste trabalho, o interesse em buscar no texto de Freud, *Psicologia de grupo e análise do eu*, uma indicação de como e em que circunstância ocorre o fortalecimento dos vínculos afetivos entre as pessoas e de que modo este fortalecimento pode contribuir para a prevenção da violência, surgiu a partir de uma afirmação de Freud, “tudo que favorece o estreitamento dos vínculos emocionais entre os homens deve atuar contra a guerra”<sup>23</sup> (FREUD, 1932, p. 205), após ter sido questionado por Einstein se haveria uma forma de proteger a humanidade da maldição da guerra.

Em agosto de 1932, Einstein encaminha a Freud uma correspondência<sup>24</sup>. Na carta ele interroga se Freud mediante o seu conhecimento da vida pulsional do homem haveria de esclarecer *se existe alguma forma de livrar a humanidade da ameaça de guerra*<sup>25</sup>. Freud irá fazer algumas considerações e dentre elas uma, em especial, chamou-nos a atenção, qual seja, a de que o fortalecimento dos vínculos entre os homens deve agir contra a guerra. Menciona ademais que os vínculos podem ser de dois tipos, fazendo alusão a dois fenômenos que favorecem o fortalecimento dos vínculos entre os homens, um seria o vínculo emocional relacionado ao objeto amado e o outro ligado ao fenômeno da identificação.

Em primeiro lugar, podem ser relações semelhantes àquelas relativas a um objeto amado, embora não tenha uma finalidade sexual. O segundo vínculo emocional é o que utiliza a identificação. Tudo o que leva os homens a compartilhar de interesses importantes produz essa comunhão de sentimento, essas identificações.<sup>26</sup>

Diante desta orientação de Freud e movida pelo interesse em investigar se as oficinas de promoção da saúde e prevenção da violência que o Projeto Frutos do Morro realiza com os

---

<sup>23</sup> FREUD, 1932, p. 197.

<sup>24</sup> A troca de correspondência entre Einstein e Freud deu origem ao texto “Por que a guerra?”. Este texto foi publicado em FREUD, Sigmund. **Primeiras publicações psicanalíticas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.191-208. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22).

<sup>25</sup> FREUD, 1932, p.193.

<sup>26</sup> *Idem*, p. 205.



adolescentes favorece a formação e o fortalecimento dos vínculos afetivos, contribuindo para a prevenção da violência, passo então a percorrer o caminho por ele indicado a fim de compreender a lógica de sua elaboração. Portanto, gostaria de esclarecer que no momento apresentarei a produção de Freud que se encontra especialmente neste texto, *Psicologia de grupo e análise do eu*, dando uma maior ênfase aos capítulos 7 e 8, mesmo sabendo que muito já se avançou em relação ao conhecimento produzido nele. Pretendo em estudos posteriores dialogar com outros pensadores da psicanálise que avançaram no estudo freudiano em relação à dinâmica do grupo e sua relação com a identificação. Por ora, me proponho a compreender os primórdios de sua elaboração sobre o tema.

Freud inicia as suas indagações a partir da idéia que não é possível conceber a psicologia individual desligada da psicologia social. Ele acreditava que havia um mecanismo psíquico responsável pelas formações grupais. Apesar de dialogar com alguns pensadores como Le Bon e McDougall que em sua opinião contribuíram para a compreensão do fenômeno grupal, Freud aponta a lacuna deixada por esses autores de não esclarecerem as causas ou os fatores que levavam a esta formação e a sua relação com a vida psíquica.

Interessado em preencher esta lacuna, Freud avança afirmando que o individuo é inevitavelmente influenciado pelo grupo e que este contato com o grupo produz alterações em sua vida psíquica. Essas modificações aparecem permeadas de sintomas como, por exemplo, a intensificação da emoção e a redução da capacidade intelectual. Também, na dinâmica grupal, verificam-se quadros de regressão da atividade psíquica a um estágio anterior, como observado em crianças. Para Freud o grupo exerce uma influência na vida mental do individuo e isso tanto representa uma contribuição para a sua constituição psíquica como provoca nele alteração mental por pressão do grupo.

Uma outra questão apontada por Freud e que constitui uma particularidade de seu texto refere-se aos grupos que têm em sua formação a presença de um líder. Segundo ele, esta característica não foi suficientemente investigada por outros estudos apesar de sua importância para a psicologia de grupo. Na intenção de compreender a relação que um grupo estabelece com o seu líder e como este interfere na vida psíquica dos membros do grupo, Freud se propõe a analisar dois grupos, a igreja e o exército, considerados por ele como altamente organizados, duradouros e artificiais. Para Freud os grupos artificiais são como uma espécie de resultante em um sistema de forças, uma direcionada ao líder e outra aos membros do grupo. Neste caso “cada

indivíduo estará ligado por laços libidinais por um lado ao líder (Cristo ou o comandante-chefe) e por outro aos demais membros do grupo” (FREUD, 1921, p.107). O grupo artificial se mantém nesta tensão entre um amor ao líder e ao amor aos colegas, amigos. Ainda que esta tensão não seja percebida.

Desse modo afirma que as relações amorosas e os laços emocionais constituem a essência da mente grupal. Primeiro considera que um grupo se mantém unido “por um poder de alguma espécie; e a que poder poderia essa façanha ser mais bem atribuída do que a Eros, que mantém unido tudo o que existe no mundo?” (FREUD, 1921). Em seguida, afirma que os indivíduos, em um grupo, só renunciam àquilo que os diferencia dos demais e são suscetíveis à sugestão por intermédio dos demais membros do grupo, pelo fato de sentirem a necessidade de estar em harmonia com eles (FREUD, 1921).

Em seguida inicia uma nova tarefa: desvendar o que estaria por detrás da formação dos laços emocionais. Qual seria a origem desses laços que existem entre os membros de um grupo, laços capazes de superarem a intolerância e as diferenças de forma temporária ou até permanentemente. Em suas indagações fará uma breve referência aos estudos das neuroses, indicando que nesse campo os laços amorosos tendem a perseguir objetivos diretamente sexuais. Mas, logo após comunicar esta inferência, alerta para o fato de que nos grupos, a lógica não é a mesma, ou seja, o laço emocional estabelecido entre os membros não tem em sua finalidade ou não forçam seu caminho no sentido da união sexual. Pode-se dizer que este foi desviado de seu objetivo original sem que isso represente uma diminuição de seu investimento libidinal<sup>27</sup>. Este desvio da pulsão será tomado por Freud como um caminho a ser percorrido para elucidar o que haveria de sustentar os laços existentes entre os membros de um grupo.

Ele nos indica um fenômeno que tem como finalidade o objetivo sexual e que, mesmo desviado desse objetivo por um determinado tempo, ou mesmo por necessidade, ainda assim, cumpre a função de manter as pessoas unidas. A esse fenômeno ele dá o nome de estar enamorado ou amando e já anuncia que este não deve ser a única forma de laço emocional com outras pessoas e que para ampliar a investigação outros mecanismos também devem ser levados

---

<sup>27</sup> Libidinal está relacionado à libido. Para Freud a libido “é uma expressão extraída da teoria das emoções. Damos esse nome à energia, considerada como uma magnitude quantitativa (embora na realidade não seja presentemente mensurável), daqueles instintos que têm a ver com tudo o que pode ser abrangido sobre a palavra amor.”(FREUD, 1921)

em consideração - *na verdade, aprendemos da psicanálise que existem realmente outros mecanismos para os laços emocionais, as chamadas identificações* (FREUD, 1921).

Seu próximo passo, então, será discorrer sobre estes fenômenos, o estar amando e a identificação, com o intuito de encontrar a resposta para a questão da origem dos laços que existem no grupo. Sua explanação iniciará no capítulo VII denominado – identificação<sup>28</sup>. Este capítulo se inicia com a seguinte afirmação: “a identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de laço emocional com outra pessoa”.(FREUD, 1921, p.115). O autor apresentará as três fontes de onde podemos apreender o fenômeno da identificação. Primeira, a identificação estaria relacionada ao complexo de Édipo, momento este em que há um investimento libidinal do menino para com o pai, inaugurando um primeiro registro de busca de identificação do sujeito ao outro.

Segunda, a identificação aparece no lugar da escolha de objeto, há uma identificação com o objeto que seria alvo do investimento libidinal, a identificação sobrepõe a escolha de objeto. Poderíamos dizer que neste caso há a exclusão de um terceiro.

A terceira fonte pode emergir a cada vez que é percebida uma qualidade comum compartilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de pulsão sexual. Quanto mais importante essa qualidade comum, mais bem-sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, abrindo a possibilidade de se estabelecer novos vínculos entre as pessoas. Dizemos que a identificação é parcial devido ao fato do sujeito tomar emprestado apenas um traço isolado da pessoa que é alvo da identificação. Segundo Freud esta terceira forma de identificação é a que mais se aproxima do que ocorre entre os membros de um grupo.

O laço mútuo existente entre os membros de um grupo é da natureza de uma identificação desse tipo, baseada numa importante qualidade emocional comum, e podemos suspeitar que essa qualidade comum reside na natureza do laço com o líder. (FREUD, 1921, p.117).

---

<sup>28</sup> Termo empregado pela psicanálise para designar o processo central pelo o qual o sujeito se constitui e se transforma, assimilando ou se apropriando, em momentos-chave de sua evolução, dos aspectos, atributos ou traços dos seres humanos que o cercam. (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Como ocorre está identificação? Já sabemos que ela é parcial e compartilhada por todos que se mantêm unidos no grupo, ainda nos resta saber o que a sustenta dentro de um grupo. Na tentativa de responder a esta questão Freud buscará no fenômeno estar amando elementos que possam contribuir para a compreensão da constituição libidinal dos grupos.

No capítulo 8 intitulado *Estar amando e hipnose*, Freud inicia a sua exposição por elucidar como a pulsão<sup>29</sup> sexual exerce sua função de manter os sujeitos ligados, unidos, enlaçados, mesmo quando desviada de seu objetivo. Ele dirá que em determinadas relações amorosas o estar amando corresponde a um investimento no objeto por parte da pulsão sexual com o intuito de uma satisfação puramente sexual e, uma vez atingido esse objetivo, o investimento, provavelmente, perderia força. Este seria o mecanismo do amor sensual comum. Mas, ao que parece, para que isso não ocorra, ou seja, um desligamento total, há uma cota de investimento sobre o objeto sexual que permanece conectando-os também nos intervalos desapaixonados.

Outro exemplo citado por Freud baseia-se na relação da criança com os seus pais. Segundo ele por volta dos cinco anos de idade a criança descobre em um dos pais o seu primeiro objeto de amor, neste momento todas as pulsões sexuais convergem para este objeto e reivindicam a satisfação. Mas, a repressão exerce a sua função, forçando-a abdicar da satisfação da pulsão sexual, surgindo uma profunda mudança em sua relação com os pais. Mesmo após está manobra da repressão, a criança continua ligada aos pais, mas por pulsões que foram inibidas em seu objetivo. A partir daí as relações entre a criança e os seus pais passam a ser caracterizadas como afetuosas. Pode-se dizer que as *primitivas tendências sensuais* permanecem preservadas no inconsciente, indicando a existência da pulsão sexual (FREUD, 1921, p.121).

Após estes esclarecimentos Freud intensifica a sua investigação na intenção de trazer mais elementos que possam contribuir para a compreensão do estado de estar amando, principalmente nas circunstâncias em que o objetivo puramente sexual fica por determinado tempo, deslocado de seu propósito. Segundo ele neste momento, “produz-se a ilusão de que o objeto veio a ser sensualmente amado devido a seus méritos espirituais, ao passo que, pelo contrário, na realidade esses méritos só podem ter sido emprestados a ele por seu encanto sensual” (FREUD, 1921).

---

<sup>29</sup> Representação psíquica de uma fonte endossomática de estimulações que fluem continuamente, em contraste com a estimulação produzida por excitações esporádicas e externas. É um dos conceitos da demarcação entre o psíquico e o somático. (ROUDINESCO; PLON, 1998, 873p).

Interessante observar o termo utilizado por Freud, emprestar, uma ação que deixa claro que o que foi, deve retornar a sua origem. Portanto, o indivíduo cede temporariamente algo que é seu a um outro que no momento é alvo de seu investimento libidinal. Uma libido caracterizada por Freud como libido narcísica<sup>30</sup>, “quando estamos amando, uma quantidade considerável de libido narcisista transborda para o objeto” (FREUD, 1921). Este objeto, fruto de uma escolha amorosa serve, segundo Freud, como substituto para algum inalcançado ideal do eu de nós mesmos. Colocamos o objeto no lugar de ideal de eu, emprestamos a ele, sem que o saiba, todas as nossas aspirações que não foram possíveis de alcançar.

Desta forma podemos presumir que, inicialmente, o sujeito se liga a um outro mais pelo o que imagina o outro ser do que realmente ele seja. Há uma transferência daquilo que eu gostaria de ser para um outro que eu penso que é. Até aqui foi possível apreender que esta movimentação é possível porque os sujeitos estão enlaçados afetivamente. Há neste momento a presença de um processo denominado idealização, neste caso o objeto é tratado da mesma forma que nosso próprio eu, sem qualquer alteração da sua natureza. Ele é supervalorizado pelo sujeito.

Nós o amamos por causa das perfeições que nos esforçamos por conseguir para nosso próprio eu e que agora gostaríamos de adquirir, dessa maneira indireta, como meio de satisfazer nosso narcisismo.(FREUD, 1921, p.122)

O sujeito vê no outro aquilo que remete ao seu ideal de eu, que por sua vez, é formado a partir das relações que o sujeito estabelece com o meio em que vive. Somado a isso é preciso lembrar que o sujeito não assume uma posição passiva neste processo, a forma como absorve estas relações e como ele as decodifica apontam para algo da sua subjetividade. Além disso, Freud dirá que a este ideal de eu “devemos atribuir as funções de auto-observação, a consciência moral, a censura dos sonhos e a principal influência na repressão. Visto como o herdeiro do narcisismo primário, tempo em que o eu infantil gozava de sua auto-suficiência.” (FREUD, 1921, p.119).

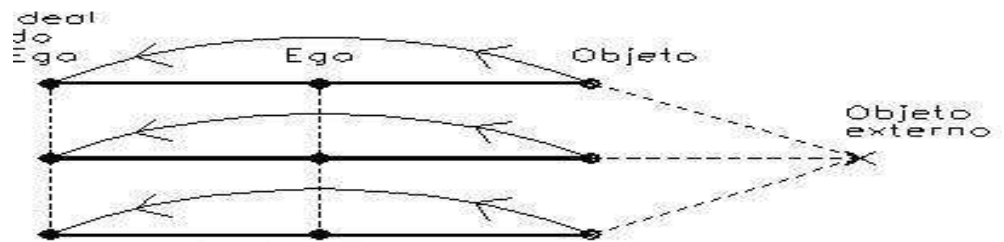
Com estas informações podemos avançar em direção a uma das questões que Freud se propôs e que nos interessa compreender, ou seja, “*qual possa ser a natureza desses laços*

---

<sup>30</sup> Libido narcísica. “A libido afastada do mundo externo e dirigida para o eu e assim da margem a uma atitude que pode ser denominada de narcisismo.” (FREUD, 1914)

*emocionais que existem nos grupos*”. Após percorrermos o caminho trilhado por ele, nos deparamos no final do capítulo 8 do texto *Psicologia de grupo e análise do eu*, com a constatação apresentada por Freud sobre a fórmula para a constituição libidinal dos grupos que têm em sua formação a presença de um líder.

Um grupo primário desse tipo é um certo número de indivíduos que colocaram um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal de ego e, conseqüentemente, se identificaram uns com os outros em seu ego. Esta condição admite uma representação gráfica. (FREUD, 1921, p.126)



Dito de outra forma, os membros de um grupo substituem seu ideal de eu por um mesmo objeto, neste caso, o líder. A partir daí surge uma segunda operação que é concomitante a esta, ou seja, os membros do grupo se identificam entre si. Esta identificação mútua entre os indivíduos irá favorecer a solidariedade entre os membros do grupo. Freud menciona que cada indivíduo faz parte de vários grupos em sua vida, estando ligado por vínculos de identificação e construindo o seu ideal de eu a partir dos modelos mais variados. Todo indivíduo compartilha de inúmeras mentes grupais, as da família, do trabalho, de seu credo e até de sua nacionalidade. (FREUD, 1921, p.139)

Então, a identificação, forma mais primitiva e original do laço emocional, constitui a essência do vínculo entre os membros de um grupo, mas para esse grupo permanecer unido é importante a presença do líder cumprindo a sua função de ideal do eu dos sujeitos. Não podemos esquecer que todo este mecanismo dentro dos grupos se dá de forma inconsciente. A contribuição

de Freud nos permite saber a existência desses processos e a partir daí repensar a nossa prática nas oficinas e ou nos grupos.

Antes de encerrar é importante trazer uma última contribuição do texto em relação ao líder e o grupo. Ele diz que o líder deve expressar amor da mesma maneira por todos os indivíduos do grupo e alerta que a exigência de igualdade só está colocada para os membros do grupo. “Todos os membros devem ser iguais uns aos outros, mas todos querem ser dirigidos por uma só pessoa”. (FREUD, 1921, p.135). Portanto, os membros se identificam entre si e mantêm uma mesma relação com aquele superior a eles. Segundo Freud esta é a estrutura que se pode observar nos grupos capazes de subsistir. (FREUD, 1921, p.131).

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa serão apresentados a partir de três categorias que foram elaboradas após a análise das informações apreendidas pelos três procedimentos metodológicos realizados, a saber, entrevistas semi-estruturadas, grupos focais e observação participante. Para a elaboração das categorias procedeu-se da seguinte forma. Primeiro, foi realizada uma leitura exaustiva de todos os conteúdos a fim de captar as informações que pudessem ser organizadas a partir de uma pergunta. Apesar de termos utilizado um roteiro básico para o grupo focal e para a entrevista semi-estruturada, deixando aberta apenas a observação participante, os achados extrapolaram o propósito do estudo, por isso foi necessário fazer um recorte no material para que dele emergisse o conteúdo comum a todos e relacionado aos objetivos da pesquisa.

Um segundo passo foi reorganizar, a partir do material extraído das entrevistas, as respostas em oito perguntas<sup>31</sup> baseadas no roteiro de entrevista. Cada pergunta passou a conter a resposta de todos os entrevistados e esse procedimento possibilitou a visualização dos elementos mais comuns, como também dos divergentes. Em relação ao grupo focal, reunimos todas as respostas dos três grupos e as agrupamos nas quatro perguntas do roteiro e esse procedimento proporcionou uma visão geral do material, possibilitando observar as impressões, vivências e sentimentos do grupo em relação ao tema proposto. As informações da observação participante perpassaram todas as demais informações e foram decisivas para a compreensão da dinâmica da oficina, das relações que os membros da oficina, ou seja, os adolescentes e coordenadores estabeleceram entre si, além de contribuir para a contextualização do cenário da pesquisa.

Num terceiro momento, após toda a organização das informações obtidas pelos três procedimentos, uma nova leitura do material foi realizada e a partir daí deu-se a elaboração das três categorias capazes de contemplar todo o conteúdo organizado. As categorias selecionadas estão diretamente relacionadas com o objetivo do estudo, a saber: 1) Definição e envolvimento

---

<sup>31</sup> É importante destacar que o roteiro da entrevista semi-estruturada, como o próprio nome diz, serve como uma orientação das questões que devem ser abordadas, mas nem sempre o entrevistado vai responder na linearidade do roteiro. No caso de nossa pesquisa algumas vezes o entrevistado dava respostas sim ou não, sendo necessário retomar a questão em um momento em que o entrevistado já se encontrava mais descontraído ou que estava falando do mesmo assunto antes evitado. A maioria das entrevistas se desdobrou em mais de quarenta perguntas.



com a violência. 2) Formação e fortalecimento de vínculo emocional. 3) Vínculo e prevenção da violência.

Como se trata de pesquisa qualitativa, a discussão e a apresentação dos resultados são conjuntamente e a estratégia é tentar estabelecer nexos entre as informações apreendidas pelos diferentes procedimentos metodológicos e dessas com o conhecimento já disponível na literatura, com o objetivo de construir, a partir dos vários olhares, um corpo, ao máximo possível integrado e coerente, de afirmações sobre o tema. No entanto, dependendo das categorias e os aspectos abordados por cada uma delas, alguns procedimentos trazem maiores contribuições e tem um papel predominante.

O QUADRO 2 mostra os principais aspectos abordados por cada categoria e os procedimentos que apreenderam as informações relevantes sobre eles.

## QUADRO 2

Categorias, aspectos analisados e procedimentos geradores das informações referentes aos aspectos analisados

<b>Categoria</b>	<b>Aspectos analisados</b>	<b>Procedimento</b>
Categoria 1 – <b>Definição e envolvimento com a violência.</b>	Percepção da violência	Grupos focais
	Formas de manifestação da violência	Grupos focais
	Violência Verbal	Grupos focais
Categoria 2 – <b>Formação e Fortalecimento de vínculos</b>	Formação de vínculos	Observação participante
	Liderança na oficina	Entrevistas
		Observação participante
Categoria 3 – <b>Vínculos e Prevenção da Violência</b>	Mudanças individuais	Entrevistas
	Mudanças na relação com os pares	Observação participante
	Mudanças nos espaços externos das oficinas	Entrevistas

Antes de iniciar a exposição dos resultados e sua discussão, é importante localizar a condição especial a que pertencem os agentes das falas. Estamos falando da adolescência, definida, do ponto de vista cronológico, como o período de vida compreendido entre os 12 e 18 anos de idade, incompletos, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente<sup>32</sup> ou como a segunda década da vida, portanto, entre 10 a 19 anos de idade, como determina a Organização Mundial de Saúde<sup>33</sup>. Segundo o Ministério da Saúde (2005)<sup>34</sup> a adoção deste critério cronológico serve para auxiliar na identificação de requisitos que orientem a investigação epidemiológica, as estratégias de políticas de desenvolvimento coletivo e as programações de serviços sociais e de saúde pública. Desse modo, marcar a vivência desta fase por meio de um período etário representa uma estratégia tanto de proteção e responsabilização quanto de atenção e intervenção em saúde mais apropriada a este período.

Para Rassial (2005), a adolescência apresenta um duplo aspecto, de ser ao mesmo tempo limite, um limite entre dois estatutos, um regendo a criança que brinca e aprende, outro adulto que trabalha e participa da reprodução da espécie. É um período de indecisão subjetiva e de incerteza social, durante o qual a família e as instituições exigem, segundo as circunstâncias, que o sujeito se reconheça como criança ou como adulto. Esta situação, quase uma encruzilhada, apontada pelo autor se revela em uma fala de um adolescente<sup>35</sup> do Projeto Frutos do Morro, quando foi interrogado se gostaria de dar alguma sugestão de atividade a ser realizada na oficina.

Pesquisadora - Tem alguma sugestão que você gostaria de dar em relação à oficina.

Adolescente - Fazer algumas atividades.

P - Como assim? Que tipo de atividade?

A - Ai eu não sei. Brincadeira e jogos.

P - Fala uma brincadeira que você gosta?

A - Amarelinha, pular corda, peteca, vôlei esse trem.

P - Você pula amarelinha?

A- Hã, hã. De vez em quando eu sou muito criança. Ai eu brinco desses trem.

P - Só de vez enquanto que você é criança?

A - Já estou na pré-adolescência. Eu acho que dá para colocar umas brincadeiras no projeto.

<sup>32</sup> BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Diário Oficial da União**, 16. jul. 1990.

<sup>33</sup> BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Marco legal**: saúde, um direito de adolescentes. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. 60p. (Série A – Normas e Manuais Técnicos).

<sup>34</sup> *Idem*.

<sup>35</sup> O adolescente era do sexo masculino e na época da entrevista em novembro de 2008 ele tinha 11 anos.

Pelo tom da resposta, é como se o adolescente quisesse convencer a ele mesmo que já não é mais criança, parece haver uma tentativa de incorporar tanto um corpo que já evidencia as transformações quanto um discurso do outro que assevera que já não é possível brincar como antes, apesar de seu desejo ainda se manifestar claramente “eu acho que dá para colocar umas brincadeiras no projeto”. Para o adolescente ainda é possível brincar, nem que seja através das atividades do projeto.

Este tempo adolescente representa também, um longo trabalho de elaboração de escolhas, é o momento em que o sujeito inicia um processo de triagem sem que a permissão total dos pais possa circunscrevê-la. Se a criança se referencia a todo o momento ao adulto, perguntando se pode isso ou aquilo, o adolescente demonstra em ações, palavras e até no seu visual a marca de suas novas referências, mesmo que estas possam ainda ser transitória, como sinal deste tempo de passagem. Alberti (2004) dirá que “essas escolhas vão se dar através ou a partir de referências anteriores que determinam as escolhas de cada um e que nem sempre os parâmetros de um serão os do outro, que nem todas as referências dos pais servirão para os filhos.”<sup>36</sup>

Sabemos, também, que este processo de escolha na adolescência envolve inúmeras descobertas, é um momento de experimentação, que não são sem conseqüências. Descobertas que o sujeito tem que fazer por si só. Não há porque e nem como impedi-lo de vivenciar esta aventura que irá conduzi-lo para o caminho da singularização. Inicia, então, um processo de distanciamento daqueles que até então eram suas principais referências, modelos de identificação.<sup>37</sup> Os modelos, antes internalizados, vão sendo substituídos por outros a partir da ampliação do ambiente social do adolescente, com isso vão se renovando as identificações e novos laços se iniciam mais ampliados e diversificados. O adolescente vivencia novos vínculos que na maioria das vezes se estabelecem com outros adolescentes, seja devido ao gosto por um estilo musical comum, uma preferência esportiva, uma literatura específica, múltiplas referências e grupos vão se formando para dar conta deste tempo de passagem para uma situação nova.

Agora, vamos deixar o adolescente do Projeto Frutos do Morro falar. Falar de sua experiência de trabalho em oficinas, da possível formação e fortalecimento do vínculo emocional entre eles e quem sabe, ele irá nos indicar caminhos para a diminuição da violência.

---

<sup>36</sup> ALBERTI, 2004, p.12.

<sup>37</sup> COUTINHO *et al*, 2005, p.33-39.

#### 4.1 Definição e envolvimento com a violência

Antes de iniciar a exposição é importante situar qual o conceito de violência em que esta pesquisa se baseia e quais são as suas formas de expressão, o que será feito a partir do contato com a produção de alguns autores, (ABRAMOVAY et al., 2004; ZALUAR 2001; CAMACHO, 2001; MINAYO, 2002, 2006; CANIATO, 2008; MELO, 2003, 2004, 2005) principalmente, estes que têm contribuído para a compreensão do fenômeno da violência entre os jovens e os adolescentes. É preciso lembrar que a violência, como os próprios autores supracitados mencionam, não comporta uma definição única, ao contrário, trata-se de um fenômeno dinâmico que se modifica conforme o tempo, a cultura, o contexto socioeconômico e o ambiente em que ela ocorre.

Para fins deste trabalho, a violência será entendida “como qualquer situação em que um ator social perde o seu lugar de sujeito frente a outro, sendo rebaixado à condição de objeto por meio da agressão verbal e ou da força física” (MELO *et al*, 2007, p.92). Além de definir a violência é importante delimitar como ela se manifesta. Para isso, utilizamos a violência interpessoal como referência por ser ela a mais evidente na adolescência e por sua manifestação poder vir associada a mais de um evento. Segundo Minayo (2007, p.26) este tipo de violência se manifesta através das relações e por meio da comunicação entre os pares. Geralmente a interação ocorre com prepotência, intimidação, discriminação, raiva, vingança e inveja, costuma produzir danos morais, psicológicos e físicos podendo levar até a morte. A autora destaca, ainda, que a violência interpessoal demonstra uma incapacidade das pessoas de resolverem os conflitos por meio do diálogo e da aceitação das diferenças em relação ao pensar e ao agir. A busca pela a solução dos problemas ou das divergências seria o caminho pacífico em contraponto a violência interpessoal.

As informações organizadas segundo essa categoria e que se referem à percepção dos adolescentes sobre a violência são originárias predominantemente da discussão realizada nos grupos focais, primeiramente porque no seu roteiro havia três questões que abordavam o tema especificamente. É importante informar que o roteiro assim delineado, de forma a priorizar a temática da violência representou estratégia metodológica intencionalmente definida e utilizada para garantir o acesso às impressões e saberes dos adolescentes, pois apesar do Projeto Fruto do

Morro ter como objetivo a prevenção da violência, sua atuação se pauta pela promoção da saúde, ou seja, pela abordagem de temas relativos aos marcos fundamentais da qualidade de vida e de saúde e seus determinantes e não pela discussão direta da violência. Sendo assim, o acompanhamento das oficinas pela observação participante por si só não seria suficiente para apreender a percepção dos adolescentes no que diz respeito a essa questão e assim alcançar o conhecimento buscado. Tanto é que das três oficinas observadas somente uma – Escola Estadual Professora Celmar Botelho - desenvolveu atividade relacionada diretamente ao tema. Durante dois encontros os adolescentes assistiram o filme **Crash** – No limite<sup>38</sup> e no terceiro encontro foi realizada uma discussão sobre o filme. Não que isso seja um problema ou uma falha dos coordenadores das três oficinas observadas, mas sim um reflexo, como já se mencionou antes, da própria metodologia de trabalho do Projeto Frutos do Morro.

Uma primeira manifestação surgiu sobre o que é violência. A violência é “uma coisa má” e a partir dessa fala todas as outras se referiram a atos de violência de natureza física, sexual e psicológica. Segundo Minayo (2006, p.82)<sup>39</sup> essas três formas de expressão da violência podem ser caracterizadas da seguinte forma: O abuso físico significa o uso da força para produzir injúrias, feridas, dor ou incapacidade em outrem. Já o abuso sexual diz respeito ao ato ou ao jogo sexual que ocorre nas relações hetero ou homossexual e visa a estimular a vítima ou utilizá-la para obter excitação sexual e práticas eróticas, pornográficas e sexuais impostas por meio de aliciamento, violência física ou ameaças. A categoria abuso psicológico nomeia agressões verbais ou gestuais com o objetivo de aterrorizar, rejeitar, humilhar a vítima, restringir a liberdade ou ainda isolá-la do convívio social.

As falas parecem expressar a realidade vivida pelo adolescente e quando se referem à violência física, principalmente, os eventos citados parecem expressar ações tanto sofridas como realizadas ou assistidas: porradas, brigas, menino bater em menina, menina também bate, jogar manga, bater na professora, pai bater no filho, professora sacudir e beliscar, bater de bambu ou de cano, matar, menino dá soco na sua cara, jogar pedra, empurrar, tiro. Ainda sobre o que entendem por violência as manifestações em relação à violência psicológica e a sexual foram mencionadas, mas com menos intensidade. Podemos supor que os exemplos citados e relacionados com a

---

<sup>38</sup> O filme é de 2004. Sinopse. Uma dona de casa e o seu marido procurador de Justiça. Um dono de uma loja. Dois detetives que também são amantes. Um diretor de televisão afro-americano e a sua mulher. Um serralheiro mexicano. Dois ladrões de automóveis. Um policial recruta. Um casal coreano de meia-idade... Todos vivem em Los Angeles e durante as próximas 36 horas, irão todos entrar em colisão.

<sup>39</sup> MINAYO, 2006, p.82.

agressão física podem vir acompanhados de alguma agressão psicológica, porém, o que sobressai aos olhos ou o que o corpo sente é, “somente”, a agressão física.

Uma outra questão colocada em discussão no grupo relacionava-se a manifestação da violência. As indicações dos adolescentes foram agrupadas em três tipos: Violência física como: matar, esquartejar, briga de torcida e bater. A violência psicológica através do racismo e abuso de poder da polícia e a violência sexual podendo ser definida como: relações sexuais de uma pessoa de maior com uma de menor, homem com prostituta, mulher seduzir homem quando ele é pequeno; estupro; pedofilia, pai com filho, traficante e polícia também praticam violência sexual e pai com filho.

Por fim, sobre o envolvimento do adolescente com a violência, novamente vem à tona a violência física, pois é com ela que ele mais frequentemente se envolve, seja como vítima ou agente. A configuração principal são as brigas com motivações diversas: briga de torcida, briga por causa de mulher, briga por causa de dinheiro, briga de mulher por causa de homem, briga por que acha a menina Paty, e se não bastasse, ainda muitas brigas acontecem por coisa à-toa. Além das brigas, aparecem também às mortes e as drogas, associadas a todos os tipos de violência física.

Em relação à violência sexual o adolescente é visto como vítima, principalmente, em episódios de estupro e pedofilia. Outros eventos foram citados como guerra de tiro, tiro, roubo, envolvimento com armas e matar.

A análise do conjunto das informações permite verificar que as falas dos adolescentes sobre o conceito da violência e as suas formas de manifestações assim como sua visão sobre o tipo de violência com a qual eles mais se envolvem apresentam algumas incoerências com o que foi apreendido pela observação e pelo acompanhamento das oficinas do Projeto Frutos do Morro, no que se refere ao modo como eles se relacionavam nesses espaços. Segundo os adolescentes a violência física surge como algo muito característico desta fase, tanto que quando interrogados dão uma maior ênfase na violência física e parecem falar de um evento já vivido ou presenciado entre os pares, como já mencionado acima. Além disso, destacam também a violência física como a que o adolescente mais se envolve seja ele o agente ou a vítima. Mas, a violência verbal quase não foi mencionada por eles e talvez este fato tivesse passado despercebido ou sido pouco valorizado se não fosse a observação participante ter mostrado o modo de agir dos adolescentes, principalmente, aqueles que participavam das duas oficinas que não tinham uma prática esportiva

associada. A comunicação entre eles era permanentemente permeada por trocas de ofensas e uso de apelidos pejorativos: airbag, vagabunda, fuscão preto, gago, gay, traveco, dentuça, cabelo ruim, fedorenta, entre outros. É verdade que, por várias vezes, seguiam-se tapas e empurrões, mas o início era sempre marcado pelas provocações, por agressão verbal. Talvez, possamos conjecturar que tudo não passa de brincadeira entre os adolescentes. Mas, são eles mesmos a dizerem que essa forma de comunicação, se é que podemos chamá-la assim, também, fere, e isso acontece até para aqueles mesmos adolescentes que a utilizam freqüentemente como meio de se relacionar dentro o grupo. O fragmento da entrevista de um adolescente, mostrado abaixo, pode ilustrar essa situação recorrente no espaço das oficinas.

Pesquisadora - Você gosta de participar da oficina do Projeto Frutos do Morro?

Adolescente - *Hã, hã.*

P - Por quê?

A - *É legal ensina a gente muitas coisas.*

P - Fala uma coisa que você aprendeu na oficina?

A - *Respeitar o outro.*

P - Você não respeitava?

A - *Não. De vez enquanto eu era muito respondão.*

P - O que você fazia?

A - *Fazia muita bagunça. Aprontava muito.*

P - E às pessoas da oficina te respeitam?

A - *Sim. Mas, tem alguns meninos que ficam zoando essas coisas. Eu fico meio chateado.*

P - Zoando como?

A - *Ah! Esse gago essas coisas. Esse dentinho! Esse dentão! Que nem eles falaram. Ficam me zoando eu deixo para lá.*

P - O que você disse? MC o quê?

A - *MC gago por causa da minha voz eu falo meio gago.*

P - Você zoa alguém na oficina?

A - *Eu zôo né! Tem dia que eu sou bagunceiro. Aí quando eu estou bagunceiro eu zôo né.*

P - Você zoa quem?

A - *Eu zôo quem vier na minha cabeça. Quem tiver na frente.*

Será que o adolescente deixa para lá mesmo? Ou absorve essa forma de tratamento e passa reproduzi-la com os colegas? Antes de ser uma forma natural de convívio entre adolescentes, não seria esse o indício de que a violência tem se naturalizado?

Njaine e Minayo (2003) constataram através dos relatos dos adolescentes, estudantes de escolas públicas e privadas, que estes reconhecem a violência como uma forma de comunicação entre os pares. Além disso, muitos se queixaram de ser humilhados, na família, na escola e na comunidade, mas em contrapartida afirmaram agir da mesma forma com os seus semelhantes, reproduzindo o comportamento censurado.

Camanho (2001), em estudo realizado em escolas públicas e privadas, freqüentadas por classe média, indica a existência de uma violência mascarada, que passa impune, ou porque não é reconhecida como tal e é confundida com a indisciplina por parte do professor e da direção da escola e com brincadeira, por parte dos adolescentes, ou porque é considerada pouco grave sem muitas conseqüências. Por sua ocorrência fazer parte do cotidiano do grupo de adolescentes, ela passa a ser banalizada e termina por ser considerada naturalizada, como se fosse algo normal, próprio da adolescência. Uma “brincadeira” que inicia com atribuições de apelidos nem sempre é recebida pelo outro desta forma. Além de desencadear uma troca de ofensas, pode resultar em um dano interno grande ou num episódio de agressão física.

Já Ferreira (2007) associa essas mesmas manifestações como expressão do bullying. Segundo a autora o bullying se manifesta a partir da violência física e psicológica através de atos intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo ou grupo de indivíduos com o objetivo de intimidar ou agredir outro indivíduo ou grupos de indivíduos. Os alvos do bullying são pessoas ou grupo que de alguma forma se mostram inseguros, com pouca habilidade para fazer cessar a violência.<sup>40</sup>

A insistência aqui em trabalhar a agressão verbal, deve-se ao fato de que junto a ela outros eventos possam vir associados, principalmente, a agressão física, algo tão comum na adolescência e legitimado pelo o adolescente. Outro fator que corrobora a necessidade de se dar mais atenção a esta forma de violência refere-se ao fato de ser ela mais acessível a intervenções voltadas para a prevenção da violência, na prática de oficinas: abordar esta forma do adolescente se comunicar, provavelmente, abre a possibilidade de se refletir sobre os modos em geral dos adolescentes se relacionarem uns com os outros.

Melo *et al*<sup>41</sup> indica que um dos caminhos para superar a violência é a reconstrução das relações entre os sujeito. Como meio de alcançar esse objetivo a autora aponta para a

---

<sup>40</sup> FERREIRA, 2007, p.37.

<sup>41</sup> MELO *et al*, 2007, p.96.



necessidade de investir em espaços de participação que coloquem os adolescentes uns em contato com os outros e assim se recomece o longo aprendizado da solidariedade e da recriação de laços de sociabilidade.

Por fim, é preciso pontuar uma outra questão. Já foi dito que esse modo simbolicamente violento de comunicação entre adolescentes, apresentado anteriormente, apareceu apenas nas duas oficinas que não tinham em sua estrutura a associação de uma atividade esportiva, mas não na oficina de Jiu-jitsu, seja no momento do treino propriamente dito, seja na parte reflexiva. Essa questão será mais bem trabalhada no desenvolvimento das duas próximas categorias, que fornecerão mais elementos para compreender a dinâmica das oficinas e o que provavelmente as diferenciam, mas, é possível adiantar que uma das causas dessa diferenciação se deva a presença de regras que norteiam o treino e a filosofia do Jiu-jitsu.

#### 4.2 Formação e fortalecimento do vínculo

Antes de iniciar a discussão propriamente dita, interessa dizer que, em virtude da estrutura e metodologia da oficina de jiu-jitsu serem diferentes das demais oficinas do Projeto Frutos do Morro, foi necessário um cuidado especial na hora de realizar a entrevista, para não se perderem as distinções apontadas. Dessa forma, procedeu-se durante a entrevista com os adolescentes da oficina do jiu-jitsu, e sempre que o caso exigisse, da seguinte forma: *Há um líder na oficina? E no Jiu-jitsu?* Com essa estratégia, foi possível relacionar as três oficinas e compará-las entre si, principalmente no que se refere à liderança exercida em cada oficina e sua relação com a formação e fortalecimento do vínculo emocional entre os membros do grupo, mesmo que a oficina de jiu-jitsu incorporasse uma atividade diferente das duas outras, a prática esportiva.

Em todos os procedimentos metodológicos adotados, ficou evidente a preferência dos adolescentes pelas atividades em grupo. Segundo eles, as atividades em grupo têm a possibilidade de intensificar e aprofundar a relação entre os pares; no grupo os membros se permutam entre o ensinar e o aprender. Segundo Zirmerman (2001), uma das razões que leva o adolescente à busca da convivência grupal é dada pelo fato de que em grupo eles se sentem menos expostos às críticas do mundo adulto, tem a confiança e confiam mais nos valores de seus pares, atenuam sentimentos

contraditórios e/ou negativos quando compartilham os mesmos problemas entre si e reasseguram a auto-estima pela a imagem que os outros lhe remetem. Os adolescentes mencionaram também que a união vivenciada no grupo possibilita ajuda mútua e superação das dificuldades.

Quando indagados se nutriam algum sentimento pelos participantes da oficina, a amizade seguida do amor foram os sentimentos mais citados; o respeito e a união também apareceram. Segundo Freud, “o grupo é claramente mantido unido por um poder de alguma espécie; e a que poder poderia essa façanha ser mais bem atribuída do que a Eros, que mantém unido tudo o que existe no mundo?” (FREUD, 1921, p. 103). Além disso, para ele, só o amor atua como fator civilizador, no sentido de causar a mudança do egoísmo em altruísmo. A amizade estaria então na condição de um substrato do amor? Brun (2007) dirá que embora a amizade possa revelar-se mais frágil do que o amor, jamais é unilateral como este o é, algumas vezes. Ser amigo ou ter amigo implica sempre a presença do outro, de alguém que também compartilhe desse mesmo sentimento.

Encontramos na amizade a possibilidade de uma autonomia do pensamento, da fala, da troca simétrica, construção que, segundo o adolescente, parece ser mais fácil para ele em atividades de grupo com iguais, fora da família, onde outros interesses, responsabilidades e sentimentos estão em jogo. Sanches (2007) corrobora com esta informação ao indicar que nos grupos de adolescente por ela pesquisado, a amizade se constitui facilmente ao iniciarem a participação no grupo e essa vai se intensificando cada vez mais ao longo do tempo. Pertencer a um grupo, ser aceito, reconhecido e valorizado pelas as qualidades, nesta fase se torna algo muito importante.

Os adolescentes confirmam mais uma vez a presença desse sentimento ao mencionar que se sentem à vontade para expressarem as suas opiniões na oficina, devido ao respeito de cada um pelo que é dito e à possibilidade de se conhecer no grupo a opinião do outro e de se rever a própria forma de pensar sobre determinado assunto “O grupo respeita as opiniões e depois juntamos tudo e concordamos ou não” (fala de um adolescente). As relações que se estabelecem dentro da oficina vão apontando para a construção de vínculos entre os participantes, permeados pelo o respeito à fala do outro, pela união e amizade compartilhada entre os membros e pelo o sigilo em relação ao que é dito, “o que falamos não sai de lá” e não deve ser transposto para além daquele grupo. Afonso (2000), Lancelotti (2007) mencionam a importância de construir junto com o grupo regras de convivência entre todos os participantes, sendo necessário reforçar a

necessidade do sigilo, o que é dito dentro do grupo deve permanecer nele. Isso contribui para que o adolescente expresse a sua opinião e compartilhe com os demais as vivências em relação aos temas mais conflituosos.

Dois adolescentes mencionaram ter raiva ou ódio por um participante da oficina, mas este sentimento não foi suficientemente forte para que eles desistissem de participar da oficina: “Eu sinto amor e carinho. Só por uma que tenho ódio, porque me chamou de falsa. Estamos unidos, um dia vamos acabar se falando” (fala de uma adolescente). Novamente a união aparece como algo característico do grupo e capaz de transformar as relações. Freud (1921, p.113) nos dirá que quando um grupo se forma, a intolerância dissipa-se temporária ou definitivamente. Durante o tempo em que uma formação de grupo perdura ou até onde ela se estende, os sujeitos se comportam como se fossem semelhantes, suportam as particularidades de seus pares, iguala-se a eles e não sentem repulsa por eles. Para o autor esta convivência se torna possível devido a uma certa limitação do narcisismo; há por parte dos sujeitos um investimento libidinal em relação aos seus pares dentro de um grupo e isso só ocorre por que existe a formação de um laço libidinal entre seus membros.

Por fim, será abordada a percepção e a avaliação dos adolescentes sobre a existência nas oficinas de um líder e o papel desempenhado por ele. Esta questão abrange uma variação de pontos de vista, sendo importante caracterizá-los conforme cada oficina. Esse ponto é central para a compreensão do que Freud elaborou sobre o fortalecimento do vínculo emocional entre os sujeitos e como este pode atuar contra a violência.

Em sua teoria ele aprofunda na análise da relação entre os membros de um grupo e deles com o líder. É importante destacar que a investigação de Freud parte da análise de dois grupos bem específicos à igreja e o exército, grupos considerados por ele como altamente organizados, duradouros e artificiais. Barros (2008)<sup>42</sup> em uma leitura da teoria de grupo de Freud indica que o grupo artificial ao qual o autor se refere é uma espécie de organização, de combinação, que podemos desenhar em termos cartesianos, com uma linha vertical que se dirige ao Um, ao chefe, e uma linha horizontal que se dirige ao coletivo dos semelhantes, dos pares, irmãos ou colegas. Todo grupo artificial se mantém nessa tensão entre o amor vertical ao líder e o amor horizontal aos companheiros, embora algo faça com que essa tensão não seja percebida.

---

<sup>42</sup> BARROS, 2008, p.55.

Penso, que a produção de Freud sobre a função do líder na igreja e no exército e como este se relaciona com os demais membros, com todas as especificidades que estes dois grupos nos apresenta, nos orienta em busca de localizar se nas relações estabelecidas entre os sujeitos a partir da convivência nas oficinas é possível constatar tanto a presença de um líder como a relação entre ele e os demais membros da oficina.

Não podemos perder de vista a orientação de Freud sobre a fórmula para a constituição libidinal dos grupos. Segundo ele os membros de um grupo substituem seu ideal de eu por um mesmo objeto, neste caso, o líder. A partir daí surge uma segunda operação que é concomitante a esta, ou seja, os membros do grupo se identificam entre si. Esta identificação mútua entre os indivíduos irá favorecer a solidariedade entre os membros do grupo.

Vale lembrar que essa elaboração de Freud tem sido o nosso guia, a nossa referência para pensar a questão do vínculo emocional entre os sujeitos de um grupo, mas isso não significa a impossibilidade de trazer a tona outras modalidades de grupos que também tem em sua base o mesmo vínculo emocional indicado pelo autor, ou seja, vínculos relacionados à identificação.

Em nossa pesquisa, os adolescentes caracterizaram o líder como uma pessoa que ensina que conversa com o grupo e que determina o que vão fazer. Para respeitar a particularidade de cada oficina no que diz respeito a esse quesito, apresenta-se a seguir a vivência que cada grupo teve em relação à liderança e como ela influenciou na dinâmica da oficina e nas relações estabelecidas dentro do grupo.

Na oficina da Escola Estadual Celmar Botelho os adolescentes compartilharam de opiniões semelhantes em relação à liderança. Não localizaram uma pessoa como líder do grupo, mas disseram que todos eram iguais e que cada um era líder um pouquinho. Apenas um adolescente disse ser ele o líder. Talvez a sua fala possa expressar apenas um desejo seu, pois isso não foi reconhecido pelo grupo. Durante a observação participante, em nenhum momento, foi percebido que a liderança era direcionada a algum adolescente, em especial.

Esta forma de localizar a liderança pode ser um reflexo da maneira como os coordenadores conduziam as atividades. A coordenação desta oficina se alternava entre quatro membros do projeto Frutos do Morro. A cada encontro três membros estavam presentes dois coordenando as atividades e um terceiro realizando a observação participante. As duplas de coordenação, A ou B, não revezavam seus integrantes, eram sempre as mesmas, é importante elucidar este fato, pois a forma de coordenar e de interagir com o grupo se diferenciava conforme

a dupla. A dupla “A” se apresentava com uma dinâmica diferente, tentava envolver o grupo nas discussões, motivava os membros a expressarem suas idéias e mantinham um certo manejo do grupo evitando a dispersão dos adolescentes. Já a dupla “B”, apesar de demonstrar interesse em realizar atividade com os adolescentes, não conseguia transpor esta intenção. O grupo se mostrava disperso, sem muita motivação para realizar a atividade proposta, além de intensificar entre eles as “provocações” verbais e físicas.

O fato de relacionarem a liderança a todos do grupo pode ser compreendida de duas formas. Primeiro não havia entre eles a presença, constante, de um que fosse a referência para todos, um adolescente ou um dos coordenadores nem uma dupla de coordenação. Catalina Pagés de Lama *et al* (2007)<sup>43</sup> afirmam que na prática em grupos é necessário que se tenha pelo ao menos uma dupla de coordenadores fixos, pois segundo os autores isso favorece a formação de vínculo e maior integração do grupo. Àqueles que se fazem presentes no cotidiano do grupo tendem a ser tornar referência para os adolescentes.

Nesta oficina foi possível observar que havia um vínculo emocional, uma identificação, mais intensa direcionada à dupla “A”. Quando ela coordenava as atividades o grupo se mostrava mais participativo e quando ela se ausentava por mais de uma oficina o porque de sua ausência era perguntado. A postura da dupla “A” se aproxima do que Afonso (2000) descreve como função do coordenador em uma oficina. Segundo a autora, “o coordenador atua como incentivador. Ajuda a sistematizar conteúdos e processos emergentes para refleti-los com o grupo. Sugere significados para ações e interações”.<sup>44</sup>

Segundo, o fato de terem mencionado que cada um assumia a liderança um pouquinho não deve ser entendido como algo negativo, mas sim uma indicação de como o grupo se estruturou e funcionou. Talvez os vínculos emocionais tenham sido compartilhados da mesma forma entre todos do grupo, como nos diz Freud (1921) “talvez eles fossem da mesma espécie”. Lembro neste momento da fala de uma das coordenadoras quando nas primeiras oficinas os adolescentes começaram a chamá-las de professora: “Não somos professoras somos estudantes como vocês”. A fala indica uma tentativa de aproximação, a busca por uma identificação comum a todos os integrantes do grupo. Almeida (2008, p.84)<sup>45</sup> menciona que quando um grupo se

---

<sup>43</sup> LAMA *et al*, 2007, p.318.

<sup>44</sup> AFONSO, 2000, p.38.

<sup>45</sup> ALMEIDA, 2008, p.84.

forma, há uma tendência à identificação entre os membros que além de ser importante é necessária para a constituição do grupo.

Já na oficina da Casa do Pequeno Cristo a questão do líder foi associada mais à figura dos coordenadores da oficina, Neste grupo havia dois membros do Projeto Frutos do Morro, um assumiu em todos os encontros a coordenação da atividade e o outro a observação participante. Talvez seja importante contextualizar tanto o local onde as atividades foram desenvolvidas como a dinâmica da oficina, para depois discutirmos a questão da liderança.

Esta oficina ocorreu em uma instituição que acolhe adolescentes de 06 a 15 anos e permanecem na casa no horário em que não estão frequentando a escola regular. Durante o tempo em que permanecem na instituição participam de atividades de dança, artesanato, esporte e acompanhamento escolar. A instituição organiza os grupos para as atividades separando grupos de meninas e de meninos. No período da tarde, horário em que a oficina era realizada só tinha um grupo de meninas e outro de meninos e segundo a instituição tínhamos que trabalhar com um deles, sem priorizar somente aqueles que queriam participar, pois a instituição não teria como oferecer outra atividade enquanto os demais estivessem na oficina. Então, o grupo se inicia assim, somente meninas de 10 a 13 anos.

Durante a observação participante foi possível perceber que nem todas as adolescentes estavam satisfeitas em estar participando do Projeto. Algumas vezes elas chegaram a mencionar que naquele horário a quadra estava reservada para elas, portanto, manifestavam um desinteresse pelas atividades propostas na oficina. Apesar do grupo ser composto de doze adolescentes, somente cinco participavam ativamente e faziam questão de persistirem na oficina. As demais circulavam pelo espaço ou não permaneciam nele por estarem fazendo atividade da escola e devido a isso a coordenação da oficina solicitava que elas fossem para outra sala.

Diante deste entra e sai da sala e sobre as manifestações de insatisfação os coordenadores tentavam realizar as atividades, mas o ambiente era tumultuado e quando se conseguia certa tranquilidade muitas questões e relatos sobre o tema tratado já havia se perdido em meio a tanta confusão.

Das cinco adolescentes que participaram de todos os encontros entrevistamos três e destas somente uma não indicou a liderança na coordenação. Esta adolescente disse que a líder era a “S” uma das adolescentes mais velhas do grupo e que pouco participava das atividades do

Projeto. A coordenação foi indicada como a principal referência para as adolescentes, tanto o coordenador da atividade quanto o que fazia a observação participante.

Nesta oficina encontrei muitas dificuldades para realizar a observação participante, além do ambiente tumultuado e das constantes agressões verbais entre as adolescentes percebia também certo incômodo da coordenação da oficina em relação à presença do pesquisador. Este parecia ser visto pela coordenação como um intruso no grupo. Apesar de tudo isso, as cinco adolescentes se mantiveram unidas, ao que parece, em torno das atividades propostas, principalmente, devido ao fato da instituição não desenvolver nenhuma atividade semelhante àquela realizada pelo Projeto Frutos do Morro, como demonstram as seguintes falas: “deu muita coisa boa, a oficina do crachá”, “lá é muito bom e tem muitas oficinas boas”, “Antes a gente não ficava desenhando e nem pintando e agora a gente faz um tanto de coisa” (fala das adolescentes).

E mesmo no caso dessa oficina, não se descaracteriza o efeito alcançado em termos de prevenção da violência e, como se verá adiante, ela, provavelmente, exerceu essa função para estas adolescentes.

Talvez, seja importante pensar na forma como esse grupo se organizou, na determinação de seu funcionamento e no lugar dado a ele dentro da instituição. A inquietação de boa parte das adolescentes pode ser interpretada como uma indisposição de aderir à proposta do projeto ou de abrir mão de outra atividade, a quadra de esporte, que representava para elas algo prazeroso.

Não temos até agora uma relação de liderança como indicado por Freud até porque a estrutura de nossas oficinas não se assemelha e nem se compara aos grupos por ele analisados. Entretanto, a sua teorização nos auxilia na compreensão do vínculo emocional que surge nos grupos e de que modo os membros se relacionam a partir deste vínculo que já sabemos se tratar do mecanismo da identificação.

É importante investigarmos um pouco mais sobre a possível relação entre coordenação de oficina e liderança. Para isso, iremos dialogar com Afonso (2000, 2006)<sup>46</sup>, pois segundo esta autora a coordenação tem um papel específico dentro do grupo que não se confunde com a dos participantes. A coordenação não deve ocupar o lugar de quem detém a verdade ou decide pelo o grupo; é um papel ativo, mas não intrusivo; pode propor, mas não deve impor uma condução; busca fortalecer a rede de relações no grupo sempre na articulação com a atividade que

---

<sup>46</sup> AFONSO, 2000; AFONSO, 2006.

o grupo esta realizando. Para demonstrar como a coordenação pode vir a assumir um lugar de liderança a autora apresenta de acordo com a teoria de Kurt Lewin três formas básicas de liderança no grupo: A primeira seria a liderança autoritária que atua de forma sedutora, protetora ou ditatorial. Quando um grupo tem uma liderança deste tipo, é provável que tenha também uma rede de comunicação altamente centralizada em torno da figura do líder. A segunda liderança baseia-se no tipo *laissez-faire*<sup>47</sup> nestas circunstâncias o líder por receio de cair no autoritarismo acaba deixando de tomar as iniciativas, podendo esta sua atitude ser confundida com uma postura democrática. A comunicação é dispersa e circula de maneira confusa, dificultando o andamento do grupo.

A terceira forma de liderança se relaciona ao tipo democrático. O líder permanece em um contato estreito com os participantes, sua atuação visa à mobilização do grupo em torno de seus objetivos. Sua tarefa é acompanhar, motivar e organizar. Geralmente esse tipo de liderança se apóia em uma rede de comunicação entre todos que participam do grupo. A autora indica esta liderança – democrática - como a mais favorável para nortear o trabalho nas oficinas e alerta para o fato de que este tipo de funcionamento não depende unicamente da figura do líder, mas envolve também a participação ativa do grupo.

Portanto, a figura do coordenador em uma oficina pode vir associada à liderança, resta saber qual o lugar que este se propõe a ocupar e se haverá um consentimento do grupo. Penso, que a coordenação das duas oficinas apresentadas até aqui, oscilaram entre *laissez-faire* e o democrático. Este fato sinaliza para a necessidade de revermos a nossa prática, não que tenhamos que decidir por um ou outro, mas porque às vezes deixamos de assumir o lugar que nos é dado independente de sua denominação; coordenado, oficineiro, facilitador, etc.

Passo agora a apresentar a oficina de jiu-jitsu que envolve uma parte de treinamento e uma parte reflexiva. A oficina reflexiva acontece logo após a prática do Jiu-jitsu e quem coordena as atividades são estudantes universitários membros do Projeto Frutos do Morro; eles também participam como alunos do treino do Jiu-jitsu, juntamente com os adolescentes. No que diz respeito à parte reflexiva do Jiu-jitsu, o papel de liderança recaiu sobre esses coordenadores. A coordenação era realizada por três, sendo que dois P e J estavam participando da prática do Jiu-jitsu há três anos e nesta época a oficina reflexiva não tinha a mesma regularidade que teve durante a pesquisa. A terceira pessoa B havia iniciado a sua participação naquele ano. Como os

---

<sup>47</sup> A expressão é francesa e se traduz por “deixar acontecer” (AFONSO, 2006).



adolescentes já estavam acostumados com os coordenadores P e J - B era a iniciante no grupo – a estratégia adotada foi mesclar na coordenação da atividade um veterano com o novato no grupo. Os adolescentes que participavam desta oficina eram os mesmos que estavam no treino, mas nem todos que estavam no treino participavam da reflexiva.

No final do treino do Jiu-jitsu os coordenadores da reflexiva lembravam aos participantes que haveria atividade. Era feito um convite. Portanto, ficava quem queria.

Os adolescentes que ficavam para a oficina participavam ativamente das discussões e os coordenadores os motivavam a participar e demonstravam interesse em ouvi-los. Não foi observado nem uma troca de provocação física ou verbal ou de apelidos pejorativos entre os participantes. Comportamento este muito comum nas outras duas oficinas.

Em relação à liderança na oficina de Jiu-jitsu os adolescentes foram enfáticos em dizer que o professor de jiu-jitsu é quem assume este lugar. Antes de discutirmos a questão da liderança, gostaríamos de esclarecer como e em que circunstância o Projeto criou a oficina de Jiu-jitsu, como uma abordagem que pudesse contribuir para a prevenção da violência entre os adolescentes.

Em 2005, a direção de uma das escolas onde o projeto Frutos do Morro desenvolvia as suas atividades, solicitou que alguns adolescentes, reconhecidos por ela como problemáticos devido à indisciplina, ao desinteresse pelos os estudos e um suposto envolvimento com o tráfico, fossem acolhidos em uma das oficinas que realizávamos na escola. O desafio feito ao Projeto consistia basicamente de uma pergunta: vocês estão realizando atividades de prevenção, mas será que poderiam contribuir para a abordagem de adolescentes que já se encontram em risco? Levado para a discussão entre todos os membros do Projeto e após muitas reflexões sobre o assunto chegou-se à seguinte conclusão: primeiramente, seria necessário pensar em atividades que produzisse maior aderência do adolescente, pois o que já vinha sendo realizado, por motivos óbvios, não os tinha atraído até então. Várias propostas surgiram: oficina de futebol, de música, de informática, etc. Segundo essa oficina não deveria se limitar à participação somente daqueles que a instituição apontava como problemático, pois além de representar um mecanismo de exclusão, dificultaria sobremaneira a abordagem e a coordenação da oficina. A decisão foi de fazer um convite a todos os adolescentes da escola e se caso os indicados pela a escola manifestassem o interesse a sua entrada seria garantida. Após essa discussão, o grupo da medicina teve a idéia e propôs a oficina de Jiu-jitsu. Houve um frenesi na reunião, um certo

receio tomava conta de alguns participantes: como oferecer uma prática violenta como forma de abordagem da violência?

Antes da decisão, o Professor Roberto Ferreira (Beto), faixa preta em Jiu-jitsu e campeão sul americano, já conhecido por alguns integrantes e pela coordenação do Frutos, foi convidado a comparecer em uma das reuniões semanais para falar do jiu-jitsu e da orientação filosófica adotada. Nessa reunião, o Beto explicou os princípios da técnica e esclareceu que a disciplina e as habilidades técnicas, físicas e psicológicas eram trabalhadas em conjunto. Enfatizou que ela deveria ser utilizada apenas para defesa pessoal e assim mesmo apenas quando todos os outros recursos já tivessem sido esgotados, inclusive o diálogo. Em relação às constantes notícias de envolvimento de jovens, lutadores de Jiu-jitsu, em brigas ele disse que como em qualquer arte marcial a má utilização não deveria ser associada á técnica em si, mas ao modo errôneo da sua utilização. A partir desse momento, o Beto passou a ser um profissional integrante do Frutos, na mesma medida dos demais.

Nestes quase cinco anos de trabalho em parceria com o Beto não houve nenhum registro de envolvimento dos adolescentes que praticam o Jiu-jitsu com a violência. Aliás, esta é uma das regras que eles sabem na ponta da língua: “A regra é não brigar”, “Tem gente que fala se entrar vai bater e apanhar. Eu falo que ninguém bate”, “Se você usar a técnica de forma incorreta você pode até ser expulso do Jiu-jitsu”. “O Beto e as regras não deixam brigar, se brigar fica três dias sem Jiu-jitsu”. Os quatro entrevistados não vacilaram em relação ao que foi estabelecido entre eles e o professor. Segundo Ribolla e Fiamenghi Jr. (2007, p.113) se por um lado a pessoa deve ter um autocontrole interiorizado, reprimindo a energia pulsional para ser socializada e então não-violenta, por outro lado vê-se que o controle ocorre a partir do externo, pelo o “olhar do outro”. Portanto, no caso do jiu-jitsu temos um pacto da não violência entre os alunos e professor e não é redundante dizer que a figura do professor parece velar por essa regra. Digo isso, porque dos quatro entrevistados, dois estão no jiu-jitsu há mais de dois anos e até a época da pesquisa não havia registro de envolvimento com a violência.

Durante o treino do Jiu-jitsu pude observar como as regras norteadoras devem ser seguidas à risca por todos. O professor é a autoridade, ele é quem decide o que fazer, como fazer e quando fazer. Não há possibilidade de inversão de papéis. A questão da hierarquia é colocada para todos do grupo. Toda a organização do treino é feita seguindo as regras que regem tanto a técnica quanto as relações entre os praticantes do Jiu-jitsu. A graduação define a hierarquia

dentro do grupo e está relacionada à cor<sup>48</sup> da faixa que você porta. Para formar uma fila os mais graduados ficam na frente e assim por diante. No momento do treino o professor é quem escolhe as duplas e novamente a regra é um mais graduado com um menos graduado, não é permitido conversar no grupo, o único a falar é o professor, só pode conversar se for sobre o jiu-jitsu e a fala deve ser dirigida ao professor, que motiva o tempo todo o grupo, reforça os acertos e corrige os erros incentivando uma melhor atuação.

Apesar da frieza do relato acima e da forma como apresento este cenário marcado por rituais e regras é importante ressaltar a relação que se estabelece entre os praticantes do Jiu-jitsu e o professor, antes e após o treino. Estes mantêm uma relação de diálogo permeada por confidências, por relatos do cotidiano, por informações sobre o desempenho escolar. Esta forma do grupo se relacionar seja o respeito que impera no momento do treino ou a descontração dos outros momentos é visto pelos participantes como a principal contribuição do vínculo entre eles, “temos um vínculo forte, mas que foi forjado no tatame e que, talvez, seja o grande responsável pelos adolescentes se manterem na oficina reflexiva”. Esse depoimento é de um dos integrantes do Projeto Frutos do Morro, um estudante de medicina, que participou da oficina do Jiu-jitsu durante quatro anos junto com os demais adolescentes. Na época da pesquisa ele e mais dois integrantes do projeto, uma estudante de fonoaudiologia e outra de terapia ocupacional, participavam do treino e logo depois coordenavam a atividade reflexiva.

Sanches (2007)<sup>49</sup> realizou um estudo que propôs investigar como a prática esportiva envolvendo adolescentes pode ser uma atividade potencialmente promotora de resiliência<sup>50</sup>. Neste estudo a autora constatou que os adolescentes se identificam facilmente com os técnicos, por eles representarem figuras de poder, bem sucedidas, que possuem muito conhecimento de vida e técnico para transmitir e que já passaram por muitas situações semelhantes às que eles enfrentam por serem atletas. Em nosso estudo temos relatos que compartilham com seus achados. Segundo os adolescentes tanto o professor de Jiu-jitsu como os coordenadores da parte reflexiva da oficina representam experiência, possibilidade de aprendizado e de disciplina. Uma das adolescentes, entrevistada, menciona que é importante receber influência de uma pessoa adulta.

---

<sup>48</sup> As cores das faixas em ordem crescente são: branca (permanência mínima de um ano); cinza (04 até 06 anos); amarela (até 15 anos); laranja (até 15 anos); verde (até 15 anos); azul (permanência mínima 24 meses, ou acima de 16 anos); roxa (permanência mínima 18 meses); marrom (permanência mínima 12 meses); preta; coral (Vermelho e preto); vermelha 9º grau (Mestre). Fonte: [www.cbjj.com.br](http://www.cbjj.com.br).

<sup>49</sup> SANCHES, 2007.

<sup>50</sup> Neste estudo o conceito de resiliência está relacionado à capacidade que a criança tem em superar as dificuldades e apresentar padrões adaptados de normalidade, mesmo vivendo em ambientes hostis.

Cassorla (2007) salienta a necessidade de se garantir na adolescência a convivência com figuras de identificação forte e positiva, relaciona a essas figuras a pessoa do professor, de um profissional ou de um líder.

Melo *et al* (2005)<sup>51</sup> apontam em seu estudo com adolescentes que estes como qualquer outro compartilha com outros atores sociais um mundo da vida que empresta sentido e validade aos seus saberes. Segundo estes mesmos autores a formação da personalidade e da identidade do adolescente se dá por intermédio da interiorização de saberes, normas e vivências que lhe são repassados no convívio com os demais. Hasky e Gomes (2008)<sup>52</sup> citando Soares indicam que a construção da identidade de cada jovem está relacionada a um processo complexo, que só se dá caso haja a possibilidade de receber atenção. Para Soares, a identidade só existe no espelho e esse espelho é o olhar dos outros, é o reconhecimento dos outros.

Como se vê a formação e o fortalecimento do vínculo entre os adolescentes, que participam de grupos ou de oficinas como denominado por nós, pode se dar através do que já foi explicitado acima, ou seja, a convivência entre os pares, as referências que surgem a partir desta convivência grupal, o respeito e a amizade, as regras que regem esse grupo e que são compartilhadas por todos, a presença de uma referência que seja comum para os adolescentes e o gosto pelas atividades propostas pelo o grupo. Provavelmente, nem todos os elementos apresentados estão ao mesmo tempo presentes em todas as oficinas, mas um fator em especial possibilita esta vivência no grupo. A isso Freud relacionou a formação do vínculo emocional entre os membros de um grupo e este ocorre por meio da identificação.

Portanto, o vínculo emocional que se estabelece entre os participantes do grupo, capaz de mantê-los unidos, está relacionada à identificação parcial. Segundo Freud esta surge a cada vez que é percebida uma qualidade comum compartilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de pulsão sexual. Quanto mais importante essa qualidade comum, mais bem-sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, abrindo a possibilidade de se estabelecer novos vínculos entre as pessoas. Dizemos que a identificação é parcial devido ao fato do sujeito tomar emprestado apenas um traço isolado da pessoa que é alvo da identificação.

É importante lembrar que as três oficinas, cada uma do seu modo, foram capazes de favorecer a formação do vínculo emocional e possivelmente o seu fortalecimento – podemos

---

<sup>51</sup> MELO *et al*, 2005, p.39-48.

<sup>52</sup> HASKY; GOMES, 2008, p.133.

inferir que o mecanismo da identificação ocorreu. Os adolescentes participavam das atividades, retornavam nos demais encontros e em muitas ocasiões trouxeram outros colegas para também se “ligarem” a este grupo. Talvez, uma das diferenças entre os três grupos seja a relação que os adolescentes construíram com os coordenadores da oficina ou com o professor de Jiu-jitsu. Em relação a isso é importante levarmos em consideração dois fatores relacionados à oficina de Jiu-jitsu. Primeiro o professor de Jiu-jitsu em raras circunstâncias delega a outro professor a tarefa de realizar o treino, ele é a referência para os adolescentes. Segundo durante todo o ano somente no período do Natal ao Ano Novo que as atividades são suspensas. Diferente das oficinas reflexivas que têm em média quatro meses de atividades e que nem sempre mantém os mesmos coordenadores na realização das atividades com os adolescentes. Talvez, podemos supor que o fortalecimento do vínculo está também ligado ao tempo de convivência, Será?

#### 4.3 Vínculo e prevenção da violência

Para os entrevistados a oficina pode contribuir para a diminuição da violência entre os adolescentes, pois através dela é possível aprender a se relacionar com os amigos por meio do diálogo sem precisar brigar. Para Melo *et al* (2007)<sup>53</sup> é necessário resgatar em cada espaço de convivência essa competência de falar e agir que nos dá a todos a condição de sujeitos – é explorar ao máximo as potencialidades interativas e criadoras da fala. O fato de conversarem sobre a violência ajuda-os tanto a perceber que ela não é uma coisa boa como os motiva a não praticá-la.

Uma adolescente chega a relatar a influência que a fala de um coordenador de oficina exerce sobre o seu comportamento. “A P fala muita coisa de violência, fala para a gente não usar droga e essas coisas. Eu escuto o que ela fala” Este relato confirma uma das propostas que o Relatório Mundial sobre Saúde e Violência<sup>54</sup>, aponta com uma possível estratégia de prevenção da violência juvenil. Segundo o Relatório, há evidências que uma relação positiva de aconselhamento entre um jovem e um adulto, que cumpre a função de modelo ou guia, pode

---

<sup>53</sup> MELO *et al*, 2007.

<sup>54</sup> KRUG, Etienne G. *et al*. (Ed.). **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002. Disponível em: <<http://www.opas.org.br/cedoc/hpp/ml03/0329.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2010.

melhor significativamente a relação que o jovem mantém com a escola, melhorando a sua frequência e o desempenho escolar; além de diminuir a probabilidade do uso de drogas; melhorar o relacionamento com os pais e reduzir as formas de comportamento que acabam incitando a violência entre os pares.

Os adolescentes participantes da oficina de Jiu-jitsu alegaram que o fato desta não permitir que os alunos se envolvam em briga contribui para a diminuição da violência, pois o adolescente teme em brigar e com isso ser expulso do Jiu-jitsu. Em outras palavras, o vínculo com o grupo e com o professor, pois é ele quem transmite essas regras, é forte a ponto do adolescente temer a exclusão. Talvez a possibilidade de vivenciar a exclusão caso eles venham romper com a regra pactuada entre todos que participam do Jiu-jitsu significa para estes adolescentes voltarem a outra condição de exclusão vivenciada por muitos adolescentes moradores de Aglomerados, como este no Morro das Pedras. H Arent (1993) citado por Abramovay (2004, p.19) dirá que a exclusão envolve a privação ou negação da própria condição humana, de tal modo que além dos direitos de cidadania, se nega aos excluídos a possibilidade de ação, discurso, comunicação, mediante os quais se constitui a possibilidade de os indivíduos realizarem o seu potencial como sujeito. Um estudo realizado por Melo *et al*<sup>55</sup> (2007, p.95) com os adolescentes do Aglomerado Morro das Pedras demonstra que a exclusão socioeconômica vivida é reforçada pelas constantes abordagens policiais que seleciona aquele que “parece” corresponder a um modelo dito como suspeito pela polícia.

Entretanto, penso que os adolescentes não tenham tido a intenção de relacionar a exclusão do Jiu-jitsu com a exclusão que já faz parte de seu cotidiano. Mas, provavelmente manifestam um temor em relação à perda do vínculo emocional com o grupo. Sair do Jiu-jitsu pode representar para os adolescentes algumas perdas; do estatuto de Jiu-jitsuka<sup>56</sup> uma identificação compartilhada entre os adolescentes, de um espaço de convivência entre os pares e com o professor, da troca de saberes e experiências e a possibilidade de ampliar e intensificar as relações de amizade.

Os adolescentes localizam a mudança de comportamento tanto no nível individual quanto na relação com os pares. Dizem que antes tratavam as pessoas de forma pejorativa, “chamava de puta” e/ou com discriminação, “chamava de macaco”. Reconhecem que as pessoas

---

<sup>55</sup> MELO *et al*, 2007, p.95.

<sup>56</sup> Jiu-jitsuka é o nome dado a quem pratica o Jiu-jitsu.

pensam de forma diferente e que não é possível querer mudar a idéia do outro. Relatam que passaram a dialogar mais e se envolver menos em brigas. Uma adolescente mencionou que passou a pensar mais em ser uma jogadora de futebol. No último encontro da oficina esta adolescente vem contar-me que já estava colocando em prática o que havia dito na entrevista. Iniciará em uma escola de futebol.

Na oficina de Jiu-jitsu boa parte das mudanças localizadas pelos adolescentes se refere à forma como passaram a tratar as pessoas. Atitudes antes comuns como a discussão, a grosseria e a ofensa por meio de palavras passaram a ser menos freqüentes. Um estudo realizado por Gomes (2007)<sup>57</sup> relata que a prática esportiva como instrumento de prevenção da violência favoreceu a elevação da auto-estima do adolescente, desenvolveu habilidades, autocontrole, melhorou o relacionamento interpessoal e contribui para a redução de conflitos. Sanches (2007) realizou um estudo que propôs investigar como a prática esportiva do atletismo, envolvendo adolescentes pode ser uma atividade potencialmente promotora de resiliência<sup>58</sup> Os resultados obtidos indicam que a pratica esportiva, com regularidade, pode fazer com que os participantes se tornem pessoas mais responsáveis e confiantes em suas potencialidades, pois descobrem que podem fazer algo bem feito.

United States, Assis, Avanci, citado por Assis (2007)<sup>59</sup> indica alguns fatores que protegem os adolescentes de assumirem comportamentos infracionais e violentos. Tais como; o envolvimento do adolescente em atividades artísticas e esportivas; envolvimento com amigos que também têm intolerância aos comportamentos infracionais e violentos; existência de adulto significativo para contrabalançar os conflitos com os pais, freqüentes nessa fase da vida; compreensão dos próprios atos e relações afetuosas e seguras com adultos. Muitos dos fatores apresentados pela autora podem ser relacionados com o relato dos adolescentes.

Esses indicam a mudança de comportamento tanto em relação aos pares como com os próprios pais. Uma adolescente relatou ter melhorado a relação com a mãe: “Eu era muito desobediente com a minha mãe, passei a ouvir os conselhos dela. O professor é muito rígido isso também ajuda”. É importante observar que o adolescente provavelmente associa o “rígido” a uma posição de autoridade e respeito que o professor assume perante o grupo. Uma outra adolescente

---

<sup>57</sup> GOMES *et al*, 2007.

<sup>58</sup> Neste estudo Sanches relaciona a resiliência a capacidade que a criança tem em superar as dificuldades, apresentando padrões adaptados a normalidade, mesmo vivendo em ambientes hostis.

<sup>59</sup> ASSIS, 2007.

elucida a relação deste professor com o grupo da seguinte forma. “O professor para conseguir mais do aluno ele não pode ser só professor. O Beto trabalha muito bem isso. Ele brinca, ele dá liberdade, mas na hora que é preciso ter respeito todo mundo entende”. Como indicou Assis (2007) é preciso garantir que o adolescente possa contar com a figura de um adulto que estabeleça com ele uma relação de afeto e diálogo, segundo a autora isso representa um fator de proteção evitando que o adolescente se envolva com a violência. Melo (2007) também menciona a importância das interações como fator de proteção para o adolescente. A interação com o outro é vital para o adolescente e, apesar do seu bem conhecido caráter grupal a nossa experiência tem mostrado que ele gosta e precisa do contato com diferentes pessoas, de diferentes idades.

A relação entre o ganhar e perder, vivência constante na prática esportiva, também, é indicado como uma mudança de comportamento. “Eu não sabia perder, eu era muito estressada, dependendo da atitude da pessoa eu explodia com ela. Eu já mudei muito”.

Por último, os adolescentes responderam se a oficina contribuiu para alguma coisa em sua vida. Segundo os adolescentes, o que eles praticam na oficina, eles também praticam em sua vida fora do grupo. Essas avaliações indicam que os efeitos alcançados dentro de uma prática de oficinas com os adolescentes podem transcender e atingir outros adolescentes ou outras esferas de seu relacionamento. Por exemplo, uma adolescente relatou que após participar da oficina e ter conversado sobre a violência esta se sentiu encorajada e decidiu contar para a mãe que o tio era pedófilo e que já havia tentado abusar dela. Segundo Santos (2002 p. 198) a pedofilia pode ser caracterizada de várias formas: Vão do simples ato de tocar (carícias ou apalpamentos, pedido de masturbação ou felação) até a violentação e a agressão ou a sodomia, seja homossexual ou heterossexual.

A atividade em grupo direcionada ao atendimento do adolescente tem sido considerada na área da saúde uma excelente estratégia para desenvolver e favorecer a expressão de sentimentos, a socialização de informações e a formação de redes afetivas que contribuem tanto para a promoção da saúde e a prevenção da violência (MORGADO, 2007, p.39).

Alguns estudos relacionam o vínculo entre as pessoas como fator de proteção e prevenção da violência. Krug *et al* (2002, p.42)<sup>60</sup> indicam que o fortalecimento de vínculo, com um modelo de adulto positivo, intensifica a proteção contra a violência juvenil. Minayo (2006,

---

<sup>60</sup> KRUG, Etienne G. *et al.* (Ed.). **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002. Disponível em: <<http://www.opas.org.br/cedoc/hpp/ml03/0329.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2010.



p.75) destaca a necessidade de fortalecer o vínculo afetivo com a família e com a escola como meio de proteção para que o jovem não se envolva com a violência. Eastman e Malo (2007, p.1185) salienta a importância de recuperar os vínculos sociais e humanos. Para esses autores a violência produz e gera danos à estrutura social, fomenta comportamentos que corroem os fundamentos e os princípios da vida social e da solução de conflitos.

Portanto, a oficina se mostra como uma prática capaz de propiciar a mudança de comportamento entre os adolescentes, a convivência em grupo permite o fortalecimento do vínculo emocional e este contribui para a prevenção da violência. As relações que se estabelecem dentro da oficina favorecem a troca de saberes e possibilita ao adolescente avaliar o seu comportamento e as situações vividas por ele como bem disse a adolescente “tomei coragem e contei para a minha mãe”.

## 5 CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como objetivo geral investigar se e como as atividades em grupo contribuem para a formação e fortalecimento dos vínculos emocionais e se propiciam a mudança de comportamento frente à violência entre adolescentes. Os dados demonstraram que é incontestável o fato de que as oficinas que o Projeto Frutos do Morro realizam com os adolescentes, seja no Aglomerado Morro das Pedras, ou em uma escola pública do bairro Providência, representam para estes adolescentes espaços de convivência, de aprendizado, de troca de experiências e saberes.

O texto freudiano possibilitou a compreensão de como se dá a formação e o fortalecimento do vínculo emocional entre os membros de um grupo e a relação deste vínculo com o fenômeno da identificação.

A partir desta orientação foi possível localizar nas três oficinas observadas a formação e o fortalecimento de vínculo emocional entre os participantes. Estes apontaram a presença de sentimentos para com os demais; a amizade, o amor, o respeito e a união. Uma segunda indicação está relacionada ao fato dos adolescentes retornarem a cada encontro. Terceira, o interesse em manifestar o seu pensamento e compartilhar com o grupo as soluções para as questões apresentadas. Quarta, um empenho em realizar as atividades propostas e auxiliar outro adolescente quando este manifestava dificuldade.

De acordo com nossas constatações, pode-se, ainda, vislumbrar que a coordenação da oficina também contribuiu para o fortalecimento do vínculo emocional. Nas três oficinas a coordenação exerceu esta função de forma diferenciada.

Na oficina da Casa do Pequeno Cristo o fortalecimento do vínculo foi por meio das atividades propostas pela coordenação. As atividades intensificavam a interação entre os adolescentes contribuindo para a sua participação na oficina.

Na oficina da Escola Estadual Professora Celmar Botelho a coordenação exercia uma função de motivá-los a participar das atividades. Além disso, demonstrava um interesse pelas falas dos adolescentes e por suas elaborações a partir da atividade proposta.

Na oficina que associa uma prática esportiva, Jiu-jitsu, com uma atividade reflexiva, o fortalecimento do vínculo pode ser atribuído ao um conjunto de fatores relacionados entre si: a) o adolescente demonstra interesse e empenho pela a técnica do Jiu-jitsu; para ele o professor

representa a principal referência no grupo; b) o modo como o professor conduz o grupo, sendo, ao mesmo tempo autoridade e referência de amizade; a fala de um participante da oficina ilustra a relação entre o adolescente e o professor: “Para o professor conseguir mais do aluno ele não pode ser só professor e o Beto trabalha muito bem com isso. Ele brinca, ele dá liberdade, mas na hora que é preciso ter respeito todo mundo entende”; c) os coordenadores da atividade reflexiva se relacionam com os adolescentes de duas formas, primeiro são alunos de Jiu-jitsu como eles e em um segundo momento são a referência na atividade reflexiva. Portanto, o fortalecimento do vínculo nessa oficina relaciona-se com o gosto pela prática esportiva, com as referências que os adolescentes têm no Jiu-jitsu na figura do professor e na parte reflexiva da oficina, na figura dos coordenadores das atividades, além da amizade que permeia as relações de todos que fazem parte do grupo.

Essa última oficina apresentou outra característica diferente das duas acima. Em nenhum momento observou-se entre os adolescentes um comportamento agressivo por meio de palavras ou contato físico - tapas, empurrões, chutes. Já nas outras duas oficinas este comportamento era mais freqüente, sendo amenizado quando os adolescentes se envolviam nas atividades ou quando a coordenação retomava o contrato de convivência elaborado por eles.

O fato dos adolescentes do Jiu-jitsu não apresentarem esse tipo de comportamento pode estar relacionado às regras estabelecidas entre o professor e eles, primeiro não é permitido no treino uso de palavras pejorativas, segundo não é permitido no treino ou fora dele o uso da força a não ser por motivos de defesa pessoal e ainda assim, antes, outros meios devem ser utilizados, inclusive o diálogo.

Em relação à mudança de comportamento frente à violência os adolescentes afirmaram que a oficina contribuiu, fazendo-os refletir sobre as atitudes que tinham em relação às pessoas, principalmente no que se refere à agressão física e verbal. Segundo o adolescente o que é vivenciado na oficina é reproduzido em outros núcleos de sua convivência e transmitido a outros adolescentes.

Diante disso é possível presumir que os efeitos alcançados a partir das oficinas do Projeto Frutos do Morro podem se estender para outros espaços de convivência do adolescente, potencializando ainda mais a prevenção da violência. Devido a isso é importante intensificar um acompanhamento dos efeitos que uma atividade em oficinas “grupos” tem em relação à

constituição subjetiva do adolescente. Considerando que esse se encontra em um momento de busca de novos modelos de identificação.

É importante ampliar nosso diálogo com os demais núcleos de convivência do adolescente, como a família, a escola e a comunidade a fim compartilharmos e até avaliar o alcance das mudanças e se essa tem contribuído para as demais relações que esse estabelece.

É importante levantarmos mais algumas considerações que devem contribuir para a nossa prática no projeto Frutos do Morro e para outras propostas baseadas em oficinas. É necessário elaborar junto com os adolescentes, as regras que irão nortear o trabalho e também as relações dentro do grupo, mas este elaborar não deve ser compreendido como algo mecânico, determinado somente por uma metodologia de trabalho. Mas sim, como um fator de socialização e comum a todos os grupos a que pertencemos. Não podemos perder de vista as formas de banalização e naturalização da violência que surgem na relação entre os pares e que podem ser reproduzidas em outros espaços. Não podemos esquecer a seguinte mensagem dos adolescentes: “o que pratico na oficina levo para fora dela”.

Talvez, seja necessário aprofundarmos mais na compreensão do fenômeno da identificação nos grupos, dialogando com outros autores e abordagens de prevenção da violência entre adolescentes. Além disso, é necessário pensar na organização e na estruturação das oficinas reflexivas e no papel que o coordenador pode assumir perante o grupo.

Enfim, a pesquisa nos mostrou que estamos no caminho da prevenção da violência e que, embora muito ainda precise e possa ser feito, vários efeitos já são notados. Presenciar o adolescente na sua relação com o Projeto e apreender seu vínculo, seu gosto, sua mudança, por mínima e inicial que ela seja, não são coisas triviais, ao contrário, são as marcas que nos dão a certeza da nossa condição de sujeitos, mesmo em tempos tão áridos.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam *et al.* **Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília.** Rio de Janeiro: Garamond, 2004. 200p.

AFONSO, Maria Lúcia Miranda (Org.). **Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial.** Belo Horizonte: Edições do Campo Social, 2000. 151p.

AFONSO, Maria Lúcia Miranda (Org.). **Oficinas em dinâmica de grupo na área da saúde.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

ALBERTI, Sonia. Atravessando um túnel. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE E SUAS CONEXÕES, 1999, Rio de Janeiro. **O adolescente e a modernidade.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. p.91-105.

ALBERTI, Sonia. **O adolescente e o outro.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

ALMEIDA, Franciele. O cartel e a lógica do coletivo. In: HOLCK, Ana Lucia Lutterbach; VIEIRA, Marcus André (Ed.); MACHADO, Ondina Maria Rodrigues; GROVA, Tatiane (Org.). **Psicanálise na favela: projeto Digaí-Maré: a clínica dos grupos.** Rio de Janeiro: Associação Digaí-Maré, 2008. 160p.

ASSIS, Simone Gonçalves de. É possível prevenir a violência?: refletindo sobre riscos, proteção, prevenção e promoção da saúde. In: CURSO impactos da violência na saúde. Rio de Janeiro: EAD/ENSP, 2007. 192p. (Módulo 4: Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde individual e coletiva. Unidade I: Bases conceituais e históricas da violência e setor saúde.).

BARROS, Romildo do Rego. Da massa Freudiana ao pequeno grupo Lacaniano: In: HOLCK, Ana Lucia Lutterbach; VIEIRA, Marcus André (Ed.); MACHADO, Ondina Maria Rodrigues; GROVA, Tatiane (Org.). **Psicanálise na favela: projeto Digaí-Maré: a clínica dos grupos.** Rio de Janeiro: Associação Digaí-Maré, 2008. 160p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Marco legal: saúde, um direito de adolescentes.** Brasília: Ministério da Saúde, 2005. 60p. (Série A – Normas e Manuais Técnicos).

BRUN, Daniéle. A gramática amorosa da amizade. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 311-319, jul./dez. 2007.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27 n. 1, p. 123-140, jan./jun. 2001.

CANIATO, Ângela Maria Pires. Violência e subjetividade: o indivíduo contemporâneo. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 16-32, jan./abr. 2008.

CENTRO de Estudos em Criminalidade e Segurança Pública – CRISP/UFMG. **Informativo**, ano 1, n. 5. fev. 2003.

CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE E SUAS CONEXÕES, 1999, Rio de Janeiro. **O adolescente e a modernidade**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. 286p.

COUTINHO, L.G.; INSFRÁN, F.L.N.; PEIXOTO, M.V.; GOMES, R.M.; BACKES, J.C.; CARVALHO, H.P.; OLIVEIRA, F.S. Ideais e identificações em adolescentes de Bom Retiro. **Revista Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p.33-39, set./dez. 2005.

COUTINHO, Maria Tereza da Cunha; CUNHA, Suzana Ezequiel da. **Os caminhos da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2004. 188p.

EASTMAN, Alberto Concha; MALO, Miguel. Da repressão à prevenção da violência: desafio para a sociedade civil e para o setor saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, 11, p.1179-1187, 2007. Suplemento.

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 8. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

FERREIRA, Ana Lúcia. Bullying. Atenção a pessoas em situação de violência sob as perspectivas do ciclo de vida e das vulnerabilidades. In: **CURSO impactos da violência na saúde**. Rio de Janeiro: EAD/ENSP, 2007. p.37. (Módulo 6. Unidade II).

FREUD, Sigmund. Por que a guerra? (1932). In: FREUD, Sigmund. **Primeiras publicações psicanalíticas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.191-208. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22).

FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e análise do eu (1921). In: FREUD, Sigmund. **Primeiras publicações psicanalíticas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.79-154. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza, ASSIS, Simone Gonçalves de Assis, NJAINE Kathie, SCHENKER Miriam. Êxitos e limites na prevenção da violência: estudo de caso de nove experiências brasileiras. **Ciência & Saúde Coletiva**, 11, p.1291-1302, 2007. Suplemento.

GUIA de orientação sexual: diretrizes e metodologia. Tradução e adaptação: Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual, Associação Brasileira Interdisciplinar de aids, Centro de Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana. 10. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

GUIMARÃES, Veridiana Canezin; CELES, Luiz Augusto M. O psíquico e o social numa perspectiva metapsicológica: o conceito de identificação em Freud. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.23, n.3, p.341-346, jul./set. 2007.

HABERMAS, Juan. **Teoria de la acción comunicativa**. Madrid: Taurus, 1987.

HASKY, Flávia; GOMES, Vânia. (In)visível?. In: HOLCK, Ana Lucia Lutterbach; VIEIRA, Marcus André (Ed.); MACHADO, Ondina Maria Rodrigues; GROVA, Tatiane (Org.). **Psicanálise na favela: projeto Digai-Maré: a clínica dos grupos**. Rio de Janeiro: Associação Digai-Maré, 2008. 160p.133

HOLCK, Ana Lucia Lutterbach; VIEIRA, Marcus André (Ed.); MACHADO, Ondina Maria Rodrigues; GROVA, Tatiane (Org.). **Psicanálise na favela: projeto Digai-Maré: a clínica dos grupos**. Rio de Janeiro: Associação Digai-Maré, 2008. 160p.

KIND, Luciana. **Notas para o trabalho com a metodologia de grupos focais**. [2004]. Mimeografado.

KRUG, Etienne G. *et al.* (Ed.). **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002. Disponível em: <<http://www.opas.org.br/cedoc/hpp/ml03/0329.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2010.

LAMA, Catalina Pagés de *et al.* Projeto círculo de leitura: a palavra como sustentáculo da identidade e da cidadania. In: LEVISKY, David W. (Org.). **Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção “conhecendo, articulando, integrando e multiplicando”**.3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo: Hebraica, 2007. p. 315-319.

LANCELOTTI, Júlio. Construindo esperança em tempo de violência. In: LEVISKY, David W. (Org.). **Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção “conhecendo, articulando, integrando e multiplicando”**. São Paulo: Casa do Psicólogo: Hebraica, 2007. p. 257-263.

MELO, Elza Machado *et al.* Prevenção da violência em adolescentes: experiência do Projeto Frutos do Morro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2., 2004, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2004.

MELO, Elza Machado; FARIA, Horácio Pereira; MELO, Maria Aparecida Machado; CHAVES, Adriana Braga; MACHADO, Graziela Paronetto. Projeto meninos do Rio: mundo da vida, adolescência e riscos de saúde. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.21, n.1, p.39-48, jan./fev. 2005.

MELO, Elza Machado; MELO, Maria Aparecida Machado; PIMENTA, Sônia Maria de Oliveira; LEMOS, Stela Maris Aguiar; CHAVES, Adriana Braga; PINTO, Lauriza Maria Nunes. A violência rompendo interações: as interações superando a violência. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife, v.7, n.1, p.89-98, jan./mar. 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 7. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: ABRASCO, 2000. 269p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Tipos de manifestação que provocam sérias conseqüências para a vida pessoal e social. In: CURSO impactos da violência na saúde. Rio de Janeiro: EAD/ENSP, 2007. 192p (Módulo 1: Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde individual e coletiva. Unidade I: Bases conceituais e históricas da violência e setor saúde).

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência e Saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. 132p. (Coleção Temas em Saúde).

MORGADO, Rosana. Criança e adolescentes em situação de violência. In: FERREIRA, Ana Lúcia. Atenção a pessoas em situação de violência sob as perspectivas do ciclo de vida e das vulnerabilidades. In: **CURSO impactos da violência na saúde**. Rio de Janeiro: EAD/ENSP, 2007. p.39. (Módulo 6. Unidade II.).

MOURA, Anna Tereza Miranda Soares. Atenção a pessoas em situação de violência sob as perspectivas do ciclo de vida e das vulnerabilidades. In: **CURSO impactos da violência na saúde**. Rio de Janeiro: EAD/ENSP, 2007. p.244. (Módulo 6. Unidade II.).

NJAINE, Kathie; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Violência na escola: identificando pistas para a prevenção. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 119-34, ago. 2003.

RASSIAL, Jean Jacques. **O adolescente e o psicanalista**. Tradução Leda Mariza Fischer Bernadino. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. p. 216.

RIBOLLA, Maria Beatriz; FIAMENGHI JR., Geraldo. Adolescentes na escola: representações sociais sobre violência. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, v.11, n.1, p.111-121, jan./jun. 2007.

ROSA, Miriam Debieux. Adolescência: da cena familiar à cena social. **Psicologia USP**, São Paulo, v.13, n.2, 2002.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise** Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira de Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.



SANCHES, Simone Meyer. A prática esportiva como uma atividade potencialmente promotora de resiliência. **Rev. Bras. Psicol. Esporte**, São Paulo, v.1, n.1, dez. 2007.

SOARES, Ebenézer Salgado. O ato infracional à luz do Estatuto da Criança e do Adolescente e o Poder Judiciário: Lei n. 8.069/90. In: LEVISKY, David W. (Org.). **Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção “conhecendo, articulando, integrando e multiplicando”**. São Paulo: Casa do Psicólogo: Hebraica, 2001. p.199-206.

SRENNER, Andréia da Silva. A identificação e a constituição do sujeito. **Psicologia Ciência e Profissão**, v.24, n.2, p.54-59, 2004.

TURATO, Edberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

ZALUAR, Alba; LEAL, Maria Cristina. Violência extra e intramuros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16. n. 45. fev. 2001.

ZIRMERMAN, David. A contribuição da dinâmica grupal na prevenção da violência na adolescência e nas comunidades. In: LEVISKY, David W. (Org.). **Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção “conhecendo, articulando, integrando e multiplicando”**. São Paulo: Casa do Psicólogo: Hebraica, 2001. p. 213-226.

### **Leitura Complementar**

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Redução da morbimortalidade por acidentes e violências. **DOU**, Brasília, n. 96, 18 maio 2001. Seção 1e.

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: FREUD, Sigmund. **Primeiras publicações psicanalíticas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.77-108. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

NASSIM, Sonia. O adolescente e o estilo de vida. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE E SUAS CONEXÕES, 1999, Rio de Janeiro. **O adolescente e a modernidade**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. p.256-262.

GUIMARÃES, Veridiana Canezin; CELES, Luiz Augusto M. O psíquico e o social numa perspectiva metapsicológica: o conceito de identificação em Freud. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v.23, n.3, jul./set 2007, p. 341-346.

VOLKAN, Vamik D. Psicodinâmica da violência de grandes grupos e da violência de massas. **Ciência & Saúde Coletiva**, 11, p. 1199-1210, 2007. Suplemento.

## APÊNDICE A – Roteiro

### Grupo Focal

- 1- O que você entende por violência?
- 2- Quais são os tipos de violência?
- 3- Dos tipos de violência citados qual(s) você acha que os adolescentes mais se envolvem. Por quê?
- 4- Você gosta de fazer atividades em grupo ou sozinho? Por quê?

### Entrevista

- 1- Você gosta de participar da oficina do Projeto Frutos do Morro? Por quê?
- 2- Você incentivaria outro adolescente a participar da oficina? Por quê?
- 3- Você se sente à vontade em colocar as suas opiniões na oficina? Por quê?
- 4- Você tem algum sentimento pelos participantes da oficina?
- 5- Tem algum líder na oficina que você participa?
- 6- Atividade em grupo como as oficinas do Projeto Frutos do Morro, que você está participando, pode contribuir para a diminuição da violência entre os adolescentes? Por quê?
- 7- Depois que você começou a participar da oficina você percebeu se o seu comportamento ou idéias modificou?
- 8- A oficina contribuiu para alguma coisa em sua vida?

**APÊNDICE B - Categoria: Definição e envolvimento com a violência**

Pergunta 1 - Agrupamento

<b>O que você entende por violência?</b>
<b>Uma coisa má</b>
<p><b>Violência física</b> (A pesquisadora que qualificou para realizar o agrupamento)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Agressão física</li> <li>- Porrada</li> <li>- Brigar</li> <li>- Machucar</li> <li>- Menino bater em menina</li> <li>- Menina também bate</li> <li>- Empurra</li> <li>- Jogar pedra</li> <li>- Jogar manga</li> <li>- Bater na professora</li> <li>- Professora beliscar</li> <li>- Professora sacudir</li> <li>- Menino dá soco na sua cara</li> <li>- Pai bater no filho</li> <li>- Bater de bambu ou de cano</li> <li>- Matar</li> <li>- Tiro</li> </ul>
<p><b>Violência verbal ou psicológica</b> (A pesquisadora que qualificou para realizar o agrupamento)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Fofoca gera violência</li> <li>- Palavrão: desgraça e filha da puta</li> <li>- Manda tomar no cu</li> <li>- Preconceito</li> <li>- Ameaçar</li> </ul>
<p><b>Violência sexual</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Estupro</li> </ul>

Fonte: Grupo Focal

## Pergunta 2 - Agrupamento

<b>Quais são os tipos de violência</b>
<b>Violência física</b> - Matar - Esquartejar - Briga de torcida - Bater - roubar
<b>Violência sexual</b> - Uma pessoa de maior com uma de menor - Homem com prostituta - Mulher com homem também - Mandar a mulher fazer as coisas que ela não gosta, ela não quer fazer sexo - A mulher seduzir o homem quando ele é pequeno - Pai com filho - Policia também pratica violência sexual - Estupro - Pedofilia - Traficante abuso sexual
<b>Violência psicológica</b> (A pesquisadora que qualificou para realizar o agrupamento) - roubar - Abuso de poder da policia - Racismo

Fonte: Grupo Focal

## Pergunta 3 - Agrupamento

<b>Qual o tipo de violência que o adolescente mais se envolve</b>
<b>Violência sexual</b> - Como agente e ou vítima - Pedofilia - Estupro - Droga induz a atos de violência
<b>Violência física</b> - Droga associada à morte - Droga induz atos de violência - Brigas - Matar - Briga de torcida - Briga por causa de dinheiro - Briga por causa de mulher - Briga de mulher por causa de homem - Briga porque acha a menina Paty - Briga por coisa à-toa
<b>Violência criminal</b> (A pesquisadora que qualificou para realizar o agrupamento) - Guerra de tiro - Tiro - Roubo - Armas - Matar - Droga induz a atos de violência

Fonte: Grupo Focal

## APÊNDICE C

**Categoria:** Formação e fortalecimento do vínculo

**Categoria:** Vínculo e prevenção da violência

Pergunta 1

<b>A oficina contribuiu para alguma coisa em sua vida?</b>
Um tio pedófilo eu criei coragem para falar com a minha mãe.
O que pratico lá, pratico em minha vida. Não brigar, não xingar e manter o contrato de convivência.
Falar sobre a violência fez eu raciocinar. Não pode praticar a violência ela é ruim.
As ações que pratico lá pratico em minha vida.
Ajudar as colegas, tipo assim. Se caiu eu ajudo. Quando o colega briga. Eu separo.
Não.
Ajudou, igual você falou ajuda os adolescentes.
Antes eu era muito estressada, agora tenho mais paciência.
Melhorei as minhas atitudes. Tudo que as pessoas falavam eu xingava depois que eu entrei para o jiu-jitsu eu estou menos.
Passei a conversar mais. Antes eu ofendia os amigos com palavras.
Contribuiu. Eu era muito estressada agora eu estou menos. Eu estressava por qualquer coisa, agora eu estou tendo mais paciência.

Atividade reflexiva

<b>A oficina contribuiu para alguma coisa em sua vida?</b>
Antes eu era muito estressada. Agora tenho mais paciência.
A gente aprende as coisas do futuro. Eu passei a pensar em ser mais uma jogadora de futebol.
Muitas idéias que eu tinha antes eu não tenho mais, aprendi a dialogar primeiro.
Contribuiu. Eu era muito estressada agora eu estou menos. Eu estressava por qualquer coisa, agora eu estou tendo mais paciência.

Jiu-jitsu.

## Pergunta 2

<b>Você incentivaria outro adolescente a participar da oficina? Por quê?</b>
É legal.
Não ficar na rua.
É legal ensina muitas coisas.
É bom falar de violência e racismo.
É bom para desabafar.
Incentivaria para eles pararem de ficar só na rua, aprendendo coisa ruim.
Porque, tipo assim. Começa a jogar e ta faltando uma pessoa ai pode chamar.
Para ele participar das atividades que nós fazemos.
A amizade coletiva pode ajudar as pessoas a falarem dos problemas.
Porque é divertido tem brincadeira e faz a gente ri.
Porque explica muito, principalmente, para aqueles que não tem diálogo em casa.

Atividade reflexiva

<b>Você incentivaria outro adolescente a participar da oficina? Por quê?</b>
Porque melhora a saúde, o rendimento escolar e conhece mais gente.
Incentivaria porque tira as pessoas da rua.
Sim, porque é um esporte e pode ajudar ele a ter o diálogo antes de querer brigar.
Incentivaria, porque é um esporte e porque dá para tirar coisas boas, mudar o comportamento para melhor.

Jiu-jitsu

## Pergunta 3

<b>Você se sente à vontade para colocar as suas opiniões na oficina? Por quê?</b>
Porque o que falamos não sai de lá.
Porque vê os colegas falando e empolga também a falar.
É legal cada um dá a sua opinião.
Porque eu já conheço os colegas do grupo e as professoras.
Respeita as opiniões e depois juntamos as opiniões e concordamos ou não.
Não. Porque dá vergonha de falar.
Gosto. Eu falo mais.
Eu falo, uai! Eles trouxe para a gente fazer.
Colocando as minhas opiniões eu também conheço a das pessoas.
Às vezes eu coloco. Eu gosto de escutar o povo.
Sim. Porque passando o que a gente tem em mente a gente consegue passar aquilo que a gente pensa.
Sim. Porque eu acho que cada um tem que ter a liberdade de se expressar.

Atividade reflexiva

<b>Você se sente à vontade para colocar as suas opiniões na oficina? Por quê?</b>
Às vezes sim. O professor tem vez que ensina as coisas de um jeito e a gente tem opinião contrária.
Às vezes sim.
Sim.
Sim. Porque eu acho que cada um tem que ter a liberdade de se expressar.

Jiu-jitsu



## Pergunta 4

<b>Você gosta de trabalhar em grupo ou sozinho? Por quê?</b>
Os dois.
É a minha opinião, não quero fazer a vontade do outro.
Grupo a gente conhece mais pessoas.
Grupo a gente troca idéias.
Sozinho a idéia do outro é bem idiota.
Grupo vence as dificuldades.
Grupo aprende mais.
Devemos ser unidos.
Em grupo conversa mais.
Em grupo acaba mais rápido.
Em grupo um ajuda o outro.
Quando um não sabe o outro ensina.

Fonte: Grupo Focal

## Pergunta 5

<b>A atividade em grupo como as oficinas do Projeto Frutos do Morro, que você está participando, pode contribuir para a diminuição da violência entre os adolescentes? Por quê?</b>
Ensina a todos a não fazer a violência.
Aprende várias coisas, a tratar melhor os amigos e que a violência não dá certo.
Parar de brigar. A violência é sempre o lado ruim da gente.
Incentiva a não praticar a violência.
Ver o lado bom e ruim das coisas para não querer praticar. Todo mundo vê junto.
Porque é mais educativo que as outras coisas. Lá perto da minha casa tem muito adolescente fazendo crime.
Eles têm que separar a violência que a gente está brigando.
Ajuda. Quando a gente trabalha em grupo a gente vai sendo uma mais colega da outra.
A "P" fala muita coisa de violência. Para a gente não usar droga essas coisas. Eu escuto o que ela fala.
Por causa do diálogo.
Colocar idéias na cabeça deles. Idéias de comportamento, cada tema tem uma moral.
Atividades reflexivas.

<b>A atividade em grupo como as oficinas do Projeto Frutos do Morro, que você está participando, pode contribuir para a diminuição da violência entre os adolescentes? Por quê?</b>
A regra é não brigar. Eu batia nos meus irmãos.
Por que tira as pessoas da rua. Tem gente que fala se entrar vai bater e apanhar. Eu falo que ninguém bate.
Sim. Mais na relação de briga, se você usar a técnica de forma incorreta você pode até ser expulso do jiu-jitsu.
É uma oportunidade para os meninos da comunidade. Os meninos não fazem outra coisa que não seja estudar ou ficar em casa.
Jiu-jitsu

## Pergunta 6

<b>Depois que você começou a participar da oficina você percebeu se seu comportamento ou idéias modificou?</b>
Falava rasgado. Chamava de puta.
Passou a ajudar os amigos.
Antes eu era muito brigador e bagunceiro.
Eu chamava os outros de macaco isso é racismo. Eu aprendia a não fazer isso.
Eu era muito criança. Eu brincava de umas brincadeiras sem noção. Começava a brincar daí cinco minutos eu parava e não queria mais.
Não sei.
Mudou muitas coisas.
Mudou. Antes eu nem gostava de desenhar agora eu estou gostando.
Eu passei a pensar mais em ser uma jogadora de futebol.
Muitas idéias que eu tinha antes eu não tenho mais, dialogar primeiro.
Sim, porque as pessoas tem opiniões diferentes e você não vai conseguir mudar a cabeça de todo mundo.
Atividade reflexiva.

<b>Depois que você começou a participar da oficina você percebeu se seu comportamento ou idéias modificou?</b>
Eu era muito desobediente com a minha mãe. Passei a ouvir os conselhos dela. O professor é muito rígido isso também ajuda.
Eu era muito grosseira, sem educação, tudo que os outros falavam eu xingava. Agora eu parei um pouco.
Meu comportamento modificou, antes eu discutia, ofensas com palavras com os meus amigos. Aprendi a conversar do que partir para a briga.
Muito. Eu não sabia perder, eu era muito estressada, dependendo da atitude da pessoa eu explodia com ela. Eu já mudei muito.

Jiu-jitsu

## Pergunta 7

<b>Na oficina tem algum líder</b>
Eu.
Não éramos todos iguais.
Não todos concordam. Todos são líderes.
Cada um é um pouquinho.
Os coordenadores.
A I e o G.
O G e a sua companheira.
A S.
Eu acho que não.
Z e P, porque são eles quem manda.
Z, a P e B. Se a gente precisa conversar alguma coisa a gente chega neles.
Z e a P e B.

Atividade reflexiva

<b>Na oficina tem algum líder</b>
Eu acho que não. O Beto?
O Professor porque manda em tudo.
É o professor. Ele dá as instruções e é mais experiente.
O Professor.

Jiu-jitsu

## Pergunta 8

<b>Você tem algum sentimento pelos participantes da oficina</b>
Raiva de um integrante do grupo.
Amizade.
Amizade a todos da oficina.
Amor a todos da oficina.
Respeito aos coordenadores e a alguns do grupo.
Não. Tinha o de felicidade.
Não.
Sinto unidos.
Uma amizade profunda.
Amor e carinho. Só por uma que tenho ódio, porque me chamou de falsa. Estamos unidos um dia vamos acabar se falando.
Amizade.
Amizade.

Atividade reflexiva – As respostas são as mesmas em relação ao Jiu-jitsu.

**APÊNDICE D - Corpus – Observação Participante**  
**Corpus – Observação Participante**  
**Jiu –jitsu**

<b>Os adolescentes foram selecionados, indicados, participaram de sorteio ou manifestaram interesse em participar da oficina.</b>	Nesta oficina tem adolescentes que foram sorteados e outros que manifestaram o interesse em participar da oficina.
<b>As regras de convivência foram elaboradas pelo o grupo?</b>	As regras que regem o grupo são as do Jiu-jitsu. Pude observar que há uma hierarquia, mais graduados para menos graduados. Uma disciplina, não pode conversar durante o treino. Não pode sair do tatame sem pedir autorização ao professor,etc.
<b>Os adolescentes foram consultados a respeito dos temas a serem trabalhados na oficina?</b>	Não se aplica.
<b>Os adolescentes direcionam suas falas, questionamentos e opiniões somente para o coordenador da oficina?</b>	Quando o professor está explicando a técnica às questões devem ser direcionadas somente para ele. Durante o treino em dupla as orientações são compartilhadas entre a dupla e o professor.
<b>Existe a formação de subgrupos? Como se agrupam?</b>	Não. Quando há agrupamento(duplas) é o professor quem escolhe e geralmente segue a regra de um graduado com um menos graduado.
<b>Entre os adolescentes há a eleição de um porta-voz do grupo?</b>	Não.
<b>O grupo tenta incluir o adolescente que se mantém mais isolado? Como?</b>	Não foi observado isolamento de nenhum adolescente durante o treino.
<b>O coordenador motiva o grupo a participar? Como?</b>	Sim. O professor durante todo o treino motiva, acompanha a realização das atividades, corrige e reforça o acerto. Incentiva o adolescente a melhorar a forma de executar a atividade.
<b>Há por parte dos adolescentes uma motivação para que os outros adolescentes também participem das discussões ou das atividades? Como?</b>	Sim. Os alunos durante a luta, que sempre é realizada após o treino físico, incentivam os colegas indicando posições ou estratégias para ganharem a luta. Neste momento é permitido que o adolescente participe mais através da fala.
<b>O coordenador se mostra disposto a realizar a atividade?</b>	Sim. O professor faz demonstração dos golpes e orienta passo a passo, além de acompanhar a realização da atividade nas duplas.
<b>O coordenador demonstra interesse em ouvir o adolescente?</b>	Durante o treino quem fala é o professor. O aluno direciona a fala ao professor, somente, quando não entende. As conversas com os

	alunos são mais descontraídas quando o treino ainda não iniciou ou quando este já finalizou. Antes do treino ou após ele os assuntos, entre o professor e os alunos são os mais variados, acontecimentos do cotidiano, relacionamentos amorosos, etc.
<b>O adolescente se mostra disposto a realizar a atividade?</b>	Sim.
<b>O adolescente demonstra interesse em ouvir o coordenador?</b>	Sim. Aliás, quando o professor está falando ninguém pode conversar. O professor sempre é solicitado para tirar as dúvidas, mesmo se o adolescente está realizando a atividade com um mais graduado que poderia orientá-lo. O adolescente consulta o graduado e confirma com o professor.
<b>Como é a comunicação entre os adolescentes?</b>	Eles conversam durante as atividades em dupla, mas o assunto se refere ao Jiu-jitsu. Um ensina para o outro a melhor forma de realizar um golpe, etc. A lógica em sua maioria é um graduado ensinando para outro menos graduado. Outro momento é durante a luta, nesta hora todos opinam, ajudam, orientam e sugerem estratégias e golpes para a dupla que está lutando.
<b>Os adolescentes se tratam de forma pejorativa, com apelidos, etc.</b>	Não. Em nenhum momento foi observado este tipo de tratamento.

**Corpus – Observação Participante**  
**Jiu –jitsu – Reflexiva**

<b>Os adolescentes foram selecionados, indicados, participaram de sorteio ou manifestaram interesse em participar da oficina.</b>	Os adolescentes são comunicados que ao final do treino do Jiu-jitsu haverá atividade na oficina reflexiva. Não é um convite e nem uma imposição que participem.
<b>As regras de convivência foram elaboradas pelo o grupo?</b>	Não houve a elaboração de regras.
<b>Os adolescentes foram consultados a respeito dos temas a serem trabalhados na oficina?</b>	Não. Os temas foram propostos pelos coordenadores da oficina.
<b>Os adolescentes direcionam suas falas, questionamentos e opiniões somente para o coordenador da oficina?</b>	Não. As falas são direcionadas para todos que participam da oficina.
<b>Existe a formação de subgrupos? Como se agrupam?</b>	Não.
<b>Entre os adolescentes há a eleição de um porta-voz do grupo?</b>	Não.
<b>O grupo (coordenador ou os adolescentes) tenta incluir o adolescente que se mantém mais isolado? Como?</b>	Sim. Durante as atividades tanto o coordenador quanto os adolescentes solicitam que os adolescentes fiquem mais próximos, ou dêem sua opinião sobre o assunto tratado.
<b>O coordenador motiva o grupo a participar? Como?</b>	Sim. Incentiva para que eles falem e participem.
<b>Há por parte dos adolescentes uma motivação para que outros adolescentes também participem das discussões ou das atividades? Como?</b>	Sim. O adolescente se mostrava interessado na fala do outro adolescente e também manifestava a sua opinião. A tarefa era dividida com outro adolescente.
<b>O coordenador se mostra disposto a realizar a atividade?</b>	Sim. Sua participação era dinâmica desde a apresentação da atividade, a sua execução até a coordenação das discussões.
<b>O coordenador demonstra interesse em ouvir o adolescente?</b>	Sim.
<b>O adolescente se mostra disposto a realizar a atividade?</b>	Sim. Apesar da adesão a oficina reflexiva ser baixa os poucos que ficavam demonstravam um interesse pelas as atividades propostas.
<b>O adolescente demonstra interesse em ouvir o coordenador?</b>	Sim.
<b>Como é a comunicação entre os adolescentes?</b>	Durante as atividades os adolescentes dialogavam entre si sobre o assunto em questão. Manifestavam as suas opiniões e ouviam a do colega. Relatavam as experiências de vida e os conflitos que viviam na adolescência.
<b>Os adolescentes se tratam de forma pejorativa, com apelidos, etc.</b>	Não.



**Corpus – Observação Participante**  
**Casa do Pequeno Cristo**

<b>As adolescentes foram selecionadas, indicadas, participaram de sorteio ou manifestaram interesse em participar da oficina.</b>	As adolescentes foram indicadas pela instituição. Na Casa do Pequeno Cristo as atividades são desenvolvidas com grupos já organizados por gênero e idade. No período da tarde, horário em que o Projeto Frutos do Morro realizava a oficina tinham dois grupos um de meninas e um outro de meninos, faixa etária de 10 a 14 anos.
<b>As regras de convivência foram elaboradas pelo o grupo?</b>	Sim, no penúltimo encontro. A elaboração das regras de convivência do grupo foi motivada devido à saída das adolescentes para participar de outras atividades na instituição durante a realização das oficinas do Projeto Frutos do Morro.
<b>Os adolescentes foram consultados a respeito dos temas a serem trabalhados na oficina?</b>	Não. Os temas foram propostos pelos coordenadores.
<b>Os adolescentes direcionam suas falas, questionamentos e opiniões somente para o coordenador da oficina?</b>	Não. As adolescentes também direcionavam seus questionamentos e opiniões para as demais adolescentes. Mas, o ambiente era confuso e tumultuado.
<b>Existe a formação de subgrupos? Como se agrupam?</b>	Não
<b>Entre os adolescentes há a eleição de um porta-voz do grupo?</b>	Sim. Em alguns momentos que o grupo se mostrava mais tranquilo sem muitas “agressões verbais” uma das adolescentes a S era convocada a ocupar este lugar.
<b>O grupo (coordenador ou os adolescentes) tenta incluir o adolescente que se mantém mais isolado? Como?</b>	Não. Se alguma adolescente ia para a oficina fazendo alguma atividade da escola os coordenadores pediam para que fosse fazer a atividade em outro local, não havia uma motivação para que a adolescente permanecesse e fizesse a atividade escolar em outro horário.
<b>O coordenador motiva o grupo a participar? Como?</b>	As oficinas eram muito confusas. A coordenação tentando explicar como seria a atividade e as adolescentes agitadas, conversando entre si, algumas saindo e entrando na sala. Parte prestava atenção na fala da coordenação e a outra parte demonstrava desinteresse. Diante desta cena a coordenação parecia perdida entre apresentar a proposta e ter que disciplinar a turma.
<b>Há por parte dos adolescentes uma motivação para que outros adolescentes também participem das discussões ou das atividades? Como?</b>	Algumas vezes, principalmente quando a atividade prendia atenção das que estavam no grupo, aí sim havia uma motivação entre as adolescentes.

<b>O coordenador se mostra disposto a realizar a atividade?</b>	Em algumas circunstâncias demonstraram desânimo e pareciam estar desinteressadas. O clima era muito confuso, muitas discussões entre as adolescentes e muita agitação. Os coordenadores pareciam atônitos diante da dinâmica do grupo.
<b>O coordenador demonstra interesse em ouvir o adolescente?</b>	Em parte sim, mas a escuta era quase individualizada. Em poucos momentos eles conseguiram que todo o grupo participasse e ouvissem a exposição ou comentários das outras adolescentes.
<b>O adolescente se mostra disposto a realizar a atividade?</b>	Nem todos. Qualquer acontecimento, uma fala ou um gesto realizado por alguma adolescente era motivo para a dispersão de boa parte do grupo. As adolescentes que mais participaram foram as duas primas e mais três adolescentes.
<b>O adolescente demonstra interesse em ouvir o coordenador?</b>	Nem sempre. A coordenação por várias vezes repetia as orientações ou tinha que dar de forma individualizada.
<b>Como é a comunicação entre os adolescentes?</b>	Somente na primeira oficina que foi possível observar um diálogo entre as participantes. Neste dia elas conversaram sobre o grupo e deram características para as colegas (inteligente, esperta, levada, boa jogadora, bagunceira, minha amiga). Nos demais encontros a relação oscilava entre a troca de ofensas, a partilha de confidências e de brincadeiras entre elas.
<b>Os adolescentes se tratam de forma pejorativa, com apelidos, há agressão física, etc, durante a oficina.</b>	Sim. Algumas adolescentes utilizavam termos como: cavalona, dentuça, cabelo ruim, boceta, vagabunda, fedorenta, você mora no chiqueiro, fulana dá um soco nela (não ocorreu), pamonha, leite azedo.

**Corpus – Observação Participante**  
**Escola Estadual Professora Celmar Botelho Duarte**

<b>Os adolescentes foram selecionados, indicados, participaram de sorteio ou manifestaram interesse em participar da oficina.</b>	Na oficina tinha adolescente indicado pela instituição, os que manifestaram interesse e outros que foram através da indicação de colegas.
<b>As regras de convivência foram elaboradas pelo o grupo?</b>	Sim. Nos primeiros encontros. Alguns pontos do contrato: Entrar na imaginação o máximo que puder; a importância do sigilo em relação ao que é dito na oficina; não ficar com preguiça; não falar palavrão; tomar banho todos os dias; respeitar o contrato; falar o que pensa; não roubar o material dos outros; não pedir dinheiro para comprar as coisas.
<b>Os adolescentes foram consultados a respeito dos temas a serem trabalhados na oficina?</b>	Não. Os adolescentes foram consultados se queriam ver um filme. Quem escolheu o filme foi à coordenação e as demais atividades também foram trazidas pela coordenação.
<b>Os adolescentes direcionam suas falas, questionamentos e opiniões somente para o coordenador da oficina?</b>	Não. As falas são direcionadas para todos que participam da oficina.
<b>Existe a formação de subgrupos? Como se agrupam?</b>	Não
<b>Entre os adolescentes há a eleição de um porta-voz do grupo?</b>	Não.
<b>O grupo (coordenador ou os adolescentes) tenta incluir o adolescente que se mantém mais isolado? Como?</b>	Sim. Os coordenadores e os adolescentes geralmente motivavam todos a participarem, perguntando a sua opinião ou solicitando que fizesse alguma tarefa durante a atividade.
<b>O coordenador motiva o grupo a participar? Como?</b>	Sim. Nesta oficina tinham quatro coordenadores e eles se alternavam entre a coordenação e a observação participante. Durante as oficinas observei que as coordenadoras A e L motivavam mais o grupo a participar, se mostravam mais interessadas nas opiniões dos adolescentes.
<b>Há por parte dos adolescentes uma motivação para que outros adolescentes também participem das discussões ou das atividades? Como?</b>	Sim. Os adolescentes manifestavam interesse pelas opiniões dos colegas. Mas, ao mesmo tempo alguns assumiam a postura de ficar provocando ou zombando dos colegas.
<b>O coordenador se mostra disposto a realizar a atividade?</b>	Sim, principalmente as coordenadoras A e L. As coordenadoras D e R tinham dificuldade de esclarecer ou de comunicar as tarefas para os adolescentes e também de manter o grupo envolvido com a atividade. A ou L, quando estavam presentes, sempre precisavam intervir para que o grupo entendesse e realizasse a tarefa.

<b>O coordenador demonstra interesse em ouvir o adolescente?</b>	Sim.
<b>O adolescente se mostra disposto a realizar a atividade?</b>	Sim, principalmente quando coordenados por A ou L.
<b>O adolescente demonstra interesse em ouvir o coordenador?</b>	Sim, principalmente quando coordenados por A ou L.
<b>Como é a comunicação entre os adolescentes?</b>	Havia uma alternância entre o diálogo, principalmente quando conseguiam se envolver com a atividade proposta, e a troca de apelidos, de tapas e provocações.
<b>Os adolescentes se tratam de forma pejorativa, com apelidos, há agressão física, etc, durante a oficina.</b>	Sim. Alguns adolescentes se comunicavam utilizando termos como: cala a boca, airbag, bundão, bicha, gay, lá vem o traveco, você gosta é do pinto, gago, viadinho, fuscão preto e tucano.

**ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Para indivíduos maiores de 18 anos****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Para indivíduos maiores de 18 anos

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Fortalecimento dos Vínculos Afetivos e a Mudança de Comportamento Frente à Violência: Uma investigação a partir da prática do Projeto Frutos do Morro”.

Ao participar deste estudo você permitirá que os pesquisadores avaliem se as oficinas realizadas pelo Projeto Frutos do Morro contribuem para o fortalecimento dos vínculos entre os participantes das oficinas, propiciando assim alguma mudança de comportamento frente à violência. Você tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar poderá continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para sua pessoa.

A sua colaboração nesta pesquisa consistirá em participar do grupo focal, que será gravado em fita cassete, e da entrevista individual. Além disso, os pesquisadores irão observar as oficinas em que você participa. Todos esses procedimentos serão realizados na própria escola e no turno em que você estuda, procurando não prejudicar as atividades escolares em que estiver envolvido.

A participação nesta pesquisa não implica em qualquer dano material, físico ou moral, assim como também não resulta em qualquer benefício material, sendo de caráter voluntário.

As informações colhidas terão um caráter confidencial, podendo o resultado ser divulgado em artigo de revista científica sem, no entanto, colocar em evidência a sua identidade.

Os pesquisadores ficam disponíveis a esclarecer quaisquer dúvidas antes, durante e mesmo depois de seu término e publicação dos resultados.

Baseado neste termo, eu, \_\_\_\_\_

CI \_\_\_\_\_, órgão expedidor \_\_\_\_\_, aceito participar da pesquisa *Fortalecimento dos Vínculos Afetivos e a Mudança de Comportamento Frente a Violência: Uma investigação a partir da prática do Projeto Frutos do Morro*, em acordo com as informações acima expostas.

Belo Horizonte, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2008.

**Pesquisadores:****Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elza Machado Melo**

Médica, professora adjunta II do curso de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais  
Tel:3409-9945

**Prof. Dr. Roberto Assis Ferreira**

Médico, professor adjunto do curso de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais  
Tel: 3409-9772

**Adriana Braga chaves**

Psicóloga  
Tel: 3409-9945

Comitê de Ética em Pesquisa – Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG  
Unidade Administrativa II (prédio da Fundep), 2º andar, sala 2005.  
Tel: 3409-4592

**ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Para indivíduos de 12 a 17 anos****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Para indivíduos de 12 a 17 anos

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Fortalecimento dos Vínculos Afetivos e a Mudança de Comportamento Frente à Violência: Uma investigação a partir da prática do Projeto Frutos do Morro”.

Ao participar deste estudo você permitirá que os pesquisadores avaliem se as oficinas realizadas pelo Projeto Frutos do Morro contribuem para o fortalecimento dos vínculos entre os participantes das oficinas, propiciando assim alguma mudança de comportamento frente à violência. Você tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar poderá continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para sua pessoa.

A sua colaboração nesta pesquisa consistirá em participar do grupo focal, que será gravado em fita cassete, e da entrevista individual. Além disso, os pesquisadores irão observar as oficinas em que você participa. Todos esses procedimentos serão realizados na própria escola e no turno em que você estuda, procurando não prejudicar as atividades escolares em que estiver envolvido.

A participação nesta pesquisa não implica em qualquer dano material, físico ou moral, assim como também não resulta em qualquer benefício material, sendo de caráter voluntário.

As informações colhidas terão um caráter confidencial, podendo o resultado ser divulgado em artigo de revista científica sem, no entanto, colocar em evidência a sua identidade.

Os pesquisadores ficam disponíveis a esclarecer quaisquer dúvidas antes, durante e mesmo depois de seu término e publicação dos resultados.

Baseado neste termo, eu, \_\_\_\_\_

CI \_\_\_\_\_, órgão expedidor \_\_\_\_\_, aceito participar da pesquisa *Fortalecimento dos Vínculos Afetivos e a Mudança de Comportamento Frente à Violência: Uma investigação a partir da prática do Projeto Frutos do Morro*, em acordo com as informações acima expostas.

Belo Horizonte, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2008.

**Pesquisadores:****Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elza Machado Melo**

Médica, professora adjunta II do curso de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais  
Tel:3409-9945

**Prof. Dr. Roberto Assis Ferreira**

Médico, professor adjunto do curso de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais  
Tel: 3409-9772

**Adriana Braga chaves**

Psicóloga  
Tel: 3409-9945

Comitê de Ética em Pesquisa – Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG  
Unidade Administrativa II (prédio da Fundep), 2º andar, sala 2005.  
Tel: 3409-4592

**ANEXO C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Para pais ou responsáveis**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Para pais ou responsáveis

O adolescente o qual você e responsável está sendo convidado a participar da pesquisa “Fortalecimento dos Vínculos Afetivos e a Mudança de Comportamento Frente à Violência: Uma investigação a partir da prática do Projeto Frutos do Morro”.

Ao participar deste estudo o adolescente permitirá que os pesquisadores avaliem se as oficinas realizadas pelo Projeto Frutos do Morro contribuem para o fortalecimento dos vínculos entre os participantes das oficinas, propiciando assim alguma mudança de comportamento frente à violência. Você tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar poderá continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para sua pessoa.

A colaboração do adolescente nesta pesquisa consistirá em participar do grupo focal, que será gravado em fita cassete, e da entrevista individual. Além disso, os pesquisadores irão observar as oficinas em que você participa. Todos esses procedimentos serão realizados na própria escola e no turno em que você estuda, procurando não prejudicar as atividades escolares em que estiver envolvido.

A participação nesta pesquisa não implica em qualquer dano material, físico ou moral, assim como também não resulta em qualquer benefício material, sendo de caráter voluntário.

As informações colhidas terão um caráter confidencial, podendo o resultado ser divulgado em artigo de revista científica sem, no entanto, colocar em evidência a identidade do adolescente.

Os pesquisadores ficam disponíveis a esclarecer quaisquer dúvidas antes, durante e mesmo depois de seu término e publicação dos resultados.

Baseado neste termo, eu, \_\_\_\_\_

CI \_\_\_\_\_, órgão expedidor \_\_\_\_\_, aceito que \_\_\_\_\_ participe da pesquisa *Fortalecimento dos Vínculos Afetivos e a Mudança de Comportamento Frente a Violência: Uma investigação a partir da prática do Projeto Frutos do Morro*, em acordo com as informações acima expostas.

Belo Horizonte, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2008.

**Pesquisadores:**

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elza Machado Melo**

Médica, professora adjunta II do curso de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais  
Tel:3409-9945

**Prof. Dr. Roberto Assis Ferreira**

Médico, professor adjunto do curso de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais  
Tel: 3409-9772

**Adriana Braga chaves**

Psicóloga  
Tel: 3409-9945

Comitê de Ética em Pesquisa – Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG  
Unidade Administrativa II (prédio da Fundep), 2º andar, sala 2005.  
Tel: 3409-4592

**ANEXO D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Para indivíduos de 7 a 12 anos e seu responsável**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Para indivíduos de 7 a 12 anos e seu responsável

O adolescente o qual você e responsável está sendo convidado a participar da pesquisa “Fortalecimento dos Vínculos Afetivos e a Mudança de Comportamento Frente a Violência: Uma investigação a partir da prática do Projeto Frutos do Morro”.

Ao participar deste estudo você permitirá que os pesquisadores avaliem se as oficinas realizadas pelo Projeto Frutos do Morro contribuem para o fortalecimento dos vínculos entre os participantes das oficinas, propiciando assim alguma mudança de comportamento frente à violência. Você tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar poderá continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para sua pessoa.

A colaboração do adolescente nesta pesquisa consistirá em participar do grupo focal, que será gravado em fita cassete, e da entrevista individual. Além disso, os pesquisadores irão observar as oficinas em que você participa. Todos esses procedimentos serão realizados na própria escola e no turno em que você estuda, procurando não prejudicar as atividades escolares em que estiver envolvido.

A participação nesta pesquisa não implica em qualquer dano material, físico ou moral, assim como também não resulta em qualquer benefício material, sendo de caráter voluntário.

As informações colhidas terão um caráter confidencial, podendo o resultado ser divulgado em artigo de revista científica sem, no entanto, colocar em evidência a identidade do adolescente.

Os pesquisadores ficam disponíveis a esclarecer quaisquer dúvidas antes, durante e mesmo depois de seu término e publicação dos resultados.

\_\_\_\_\_ CI \_\_\_\_\_

Assinatura do responsável

\_\_\_\_\_

Assinatura da criança ou do adolescente

Belo Horizonte, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2008.

**Pesquisadores:**

**Profª. Drª. Elza Machado Melo**

Médica, professora adjunta II do curso de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais  
Tel: 3409-9945

**Prof. Dr. Roberto Assis Ferreira**

Médico, professor adjunto do curso de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais  
Tel: 3409-9772

**Adriana Braga chaves**

Psicóloga  
Tel: 3409-9945

Comitê de Ética em Pesquisa – Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG  
Unidade Administrativa II (prédio da Fundep), 2º andar, sala 2005.  
Tel: 3409-4592